

Lugares de Memória da Escravatura e do Tráfico Negroiro

Sites of Memory from Slavery and the Slave Trade

Angola - Cabo Verde - Guiné-Bissau
Moçambique - São Tomé e Príncipe



Isabel Castro Henriques
Coordenação



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
Ciência e Cultura



Projecto Apoiado pela
Rota do Escravo

Cooper. Portuguesa do Projecto Europeu "A Rota do Escravo"

**Lugares de Memória
da Escravatura e do Tráfico Negroiro**
**Sites of Memory
from Slavery and the Slave Trade**

Angola - Cabo Verde - Guiné-Bissau
Moçambique - São Tomé e Príncipe

A Exposição Itinerários da Memória - Escravatura e Tráfico Negroiro na África de Língua Portuguesa foi produzida em 2005 pelo Comité Português do Projecto UNESCO Rota do Escravo com base na primeira edição deste Guia.

The Exhibition Itineraries of Memory – Slavery and Slave Trade in Portuguese Speaking Africa was produced in 2005 by the Portuguese Committee for the UNESCO The Slave Route Project based on the first edition of this Guide.



Países Africanos de Língua Portuguesa
Portuguese-Speaking African Countries

A emergência e a expansão da escravatura africana e do tráfico negreiro continuam a ser, nos dias de hoje, temas de polémica, definindo todavia as relações do continente africano com a Europa, a América e a Ásia.

A longa duração deste fenómeno de uma extrema violência, se põe em evidência a crueldade dos homens, deu origem a diversos lugares de memória: monumentos, topónimos, etnónimos, contos, lendas, mitos. A memória colectiva recicla constantemente esse tecido fundador.

O objectivo deste Guia, consagrado ao reconhecimento dos lugares de memória dos países de África que falam a língua portuguesa, é o de identificar, de inventariar, de cartografar, de dar a conhecer diferentes tipos de lugares de memória: os que podem ser vistos e tocados, sem esquecer aqueles que graças à tradição oral reactualizam o processo criador.

Todos os espaços africanos - as aldeias como os caminhos, as florestas como os rios - são habitados pelas presenças do passado, cujas marcas é necessário manter vivas. Tanto as palavras como os objectos e os monumentos lembram a complexidade da existência, evocando as condições difíceis nas quais um homem vende outro homem, seu semelhante, ou, um homem passa da plena liberdade ao estatuto repressivo da escravatura.

Os lugares de memória não dizem, por isso, respeito apenas aos grandes monumentos, são também feitos de concentrações de todas as formas, mesmo as mais humildes, que permitem que o grupo, a região, a nação ou o Estado, o continente, recuperem a vibração interna da sua decisão de nunca renunciar ao que constitui a capacidade de criar o futuro, que deve levar os homens a empenharem-se na análise dos percursos históricos.

Como fazer sem proceder ao inventário apaixonado e meticuloso destes lugares de memória? Como esquecer que é graças a esse trabalho da memória que o homem africano se inscreve no quadro dos direitos do homem, que o próprio sofrimento da escravatura e do tráfico negreiro tornam irrefragáveis?

The emergence and expansion of African slavery and the slave trade continue to be a controversial subject even today, although they define the relationships between the African continent and Europe, America and Asia.

Throughout the lengthy duration of this extremely violent phenomenon where man's cruelty is made evident, it gave rise to places of memory: monuments, toponyms, ethnonymns, stories, legends and myths. Collective memory has constantly recycled this basic fabric.

The aim of this Catalogue, dedicated to acknowledging the memory of places in the Portuguese-speaking African countries, is to identify, list, map and give information about the different sites of memory: those that can be seen and touched, without however forgetting those which have re-enacted the creative process thanks to oral tradition.

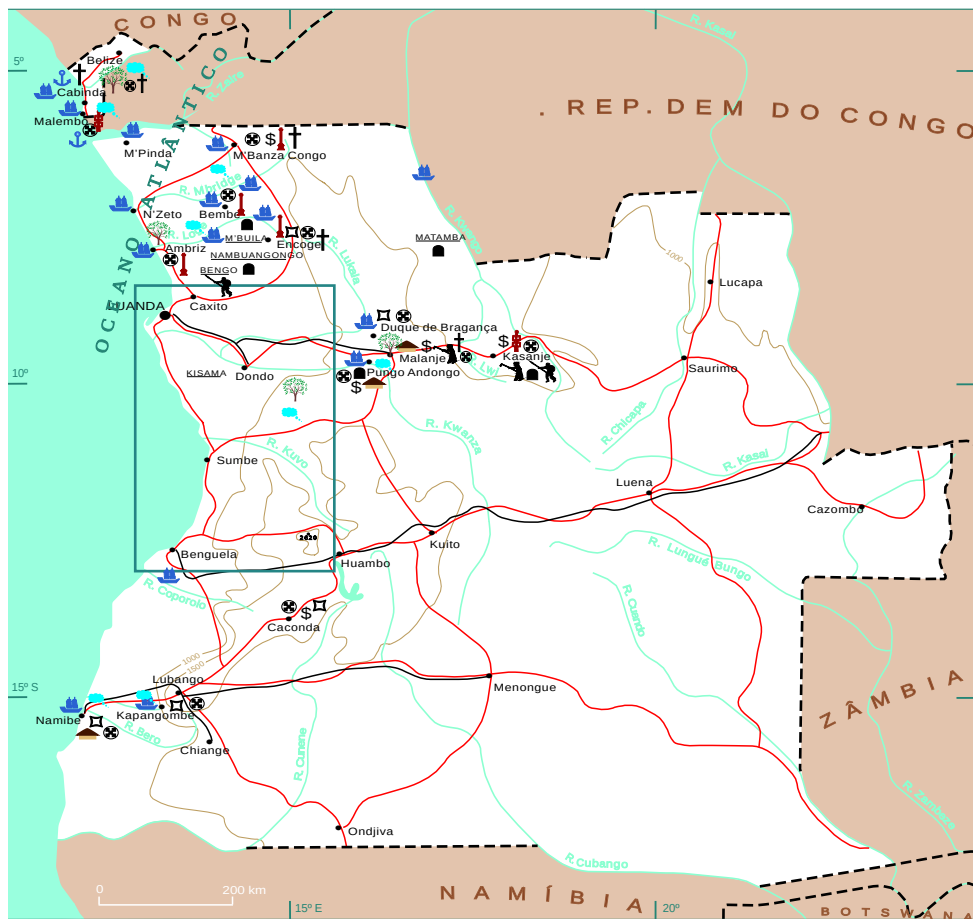
All the African spaces – villages as well as pathways, forests and rivers – are inhabited by these past presences where it is necessary to keep alive the traces they have left. Words as much as the objects and monuments remind us of the complexity of their existence, calling up the difficult conditions in which one man sells another, a man just like himself, or when a man passes from a state of full freedom to the repressive state of being a slave.

For this reason, the sites of memory are not only based on the important monuments, they have to do with gathering together all kinds of things, even the most humble, that allow the group, the religion, the nation, the State, or the continent to reclaim the core vibration of its decision never to renounce what shapes the capacity to create the future, thereby compelling men to commit themselves and study its historical trajectories.

How to do so without drawing up an impassioned, pains-taking inventory of these sites of memory? How to forget that it has been thanks to the work undertaken about memory that the African is inscribed within the framework of human rights, and that the suffering borne of slavery itself and the slave trade has become indisputable?

Angola

Angola



Altitude em metros / Altitude in metres
 Curva de nível / Gradient
 Fronteira / Border
 Estrada / Road
 Caminho de ferro / Railway-line
 Capital do País / Capital city / Other locality

KISAMA Região

LEGENDA/KEY			
Sítios / Sites	Depósito de Escravos/Concentração: Barracão/Quartão Holding bays for slaves / Depos. Shed / Stockyard	Fortaleza Fortress	Objectos Diversos Various Objects
Relígio Religies	Feira/mercado Fair / Markets	Igreja/Capela/Baptismo Church/Capel/Baptism	Classificados, em museus Classified in museums
Embarque/Descembarque/Transito Loading/Unloading / Transporting	Festas/Rituais Celebrations/ Rituals	Mesquita Mosque	Identificados, em depósito Identified, stored
Religioso Religious	Cemitério Cemetery	Palacetes/obrado Mansion / Plantation owner's house	Recolhidos, por classificar Collected, to be classified
Produção Production	Castigo Punishment	Hospital Hospital	Banco naufragado Shipwrecked vessel
Revolta/Resistência Revolt / Resistance	Monumentos classificados Classified Monuments	Construções (casas comerciais, armazéns, alfândegas) Buildings (stores, warehouses, customs houses)	Outros Sítios Other Sites
Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)	Conjuntos construídos Built clusters	Museus da escravatura Slavery Museums	Arvores/hojas Trees/Woods
			Memórias Memories

Situada na região ocidental africana, a meio caminho entre a África Central e a Austral, Angola ocupa uma área de 1.246.700 km², onde se sucedem vários espaços geo-morfológicos: a faixa litoral, uma zona de transição para o interior, a cadeia marginal de montanhas, o planalto central.

Dispõe de uma rede hidrográfica importante com destaque para as bacias do Kwanza, do Lucala, do Kuango, do Catumbela e do Cunene e de paisagens muito diversas: praias, florestas, savanas, deserto.... Com flora variada e uma fauna abundante e rara - a palanca negra ou o rinoceronte branco -, existem reservas naturais e parques, dos quais se destaca o da Kisama, já reabilitado e acessível ao turismo. O clima varia entre o tropical seco do litoral, o tropical húmido da maior parte do país, o temperado das zonas de altitude e o semi-árido do deserto. Duas estações, a época das chuvas, em que as temperaturas são mais elevadas, e a estação seca, ou *cacimbo*, de temperaturas amenas, definem o ritmo sazonal dos angolanos.

A população actual, na sua maioria de origem banta, é o resultado de uma história antiga e complexa.

Situated in the western part of Africa, halfway between Central Africa and Southern Africa, Angola occupies an area of 1,246,700 km² and is composed of several kinds of geo-morphological spaces: the coastline, a transitional area giving way to the inland, a coastal mountain range and the central plateau. The country has an important water network where the river basins of the Kwanza, Lukala, Kwango, Katumbela and Kunene rivers are the most relevant. The landscape is extremely diverse: beaches, forests, savannas, a desert... With its varied flora and its rare and numerous fauna – including the black sable antelope and the white rhinoceros – there are also nature reserves and parks where we may single out the Kisama Park. It has already been recovered and is now open to tourism. The climate varies between the dry tropical climate of the coast, the wet tropical climate of most of the country, the temperate climate of the higher areas and the semi-arid climate of the desert. There are two annual seasons keeping time to the Angolan scene, the rainy season when it is hot and the dry season or the cacimbo, when the temperature is mild. The present population is mostly of Bantu origin and is the result of complex, age-old history.



1. As vastas extensões angolanas, mistura de águas e de vegetações, foram percorridas por milhões de escravos.
The vast spaces of Angola, filled with waterways and vegetation, were traversed by millions of slaves.



2. A socialização do espaço angolano marcada pela densidade das bananeiras e das palmeiras dendém.
Community life in Angola space is indicated by dense banana and dende palm tree groves.



3. O rio Kwanza, via líquida da produção e do transporte de escravos, desempenha um papel fundamental na organização dos espaços e do comércio.

Kwanza River, the watery path producing and transporting slaves, played a vital role in organising Angolan spaces and trading.

Angola foi, dos fins do século XV a meados do XIX, um grande reservatório de mão-de-obra escrava para as Américas, o Brasil em particular. A presença portuguesa na região limitava-se, todavia, aos portos ao norte e ao sul do Kwanza, às duas grandes instalações do litoral, Luanda e Benguela, tal como aos fortes e presídios dos corredores de penetração do interior: Luanda – Kasanje, Luanda – vale do Kwanza e Benguela/ Catumbela – Caconda. As vias fluviais possuem uma grande carga simbólica. Locais ancestrais da produção alimentar, de descanso e de culto, foram também utilizadas para levar os escravos acorrentados - com os famosos *libambos* - para o litoral, deixando os caminhos do mato para se lançar nos do grande Oceano, que se tornou, na mitologia local, o grande comedor de homens.



5. Morro da Catumbela. Por aqui desciam para a costa as caravanas de escravos vindas do Bailundo e do Bié. Catumbela Hill. It was here that the slave caravans coming from Bailundo and Bié went down to the coast.



7. Forte de São Filipe de Benguela: contra o inimigo do exterior mas também contra os africanos.
The St. Philip of Benguela Fort: against the enemy from without but also against the Africans.



4. A vila e o porto fluvial do Dondo foram a encruzilhada que assegurou o vai-e-vem das caravanas negreiras entre o mato e a costa.

Dondo town and river port formed the crossroad that ensured the comings-and-goings of the slave caravans.

At the end of the 15th to the mid-16th century, Angola was a large reservoir of slave labour-power going to the Americas, Brazil in particular. The presence of the Portuguese in the region, however, was limited to the ports located to the north and the south of the Kwanza river, to the two large trading posts situated along the coast in Luanda and Benguela as well as to the forts and the garrisons along the inland corridors: Luanda – Kasanje, Luanda – Kwanza Valley and Benguela/Catumbela – Caconda.

The rivers had an important symbolic meaning. As ancestral places of food production, rest and worship, they were also used to carry slaves who were chained together with the ill-famed *libambos* or neck braces, downstream to the coast leaving behind them wide stretches of bushland, only to be launched onto the great ocean which, in local mythology, became the voracious devourer of men.



6. Benguela, cidade negreira caracterizada pelos seus quintalões, espaços cercados onde eram concentrados os escravos.

Benguela, a slave-trade city characterised by its large yards that were fenced off to stockpile slaves.

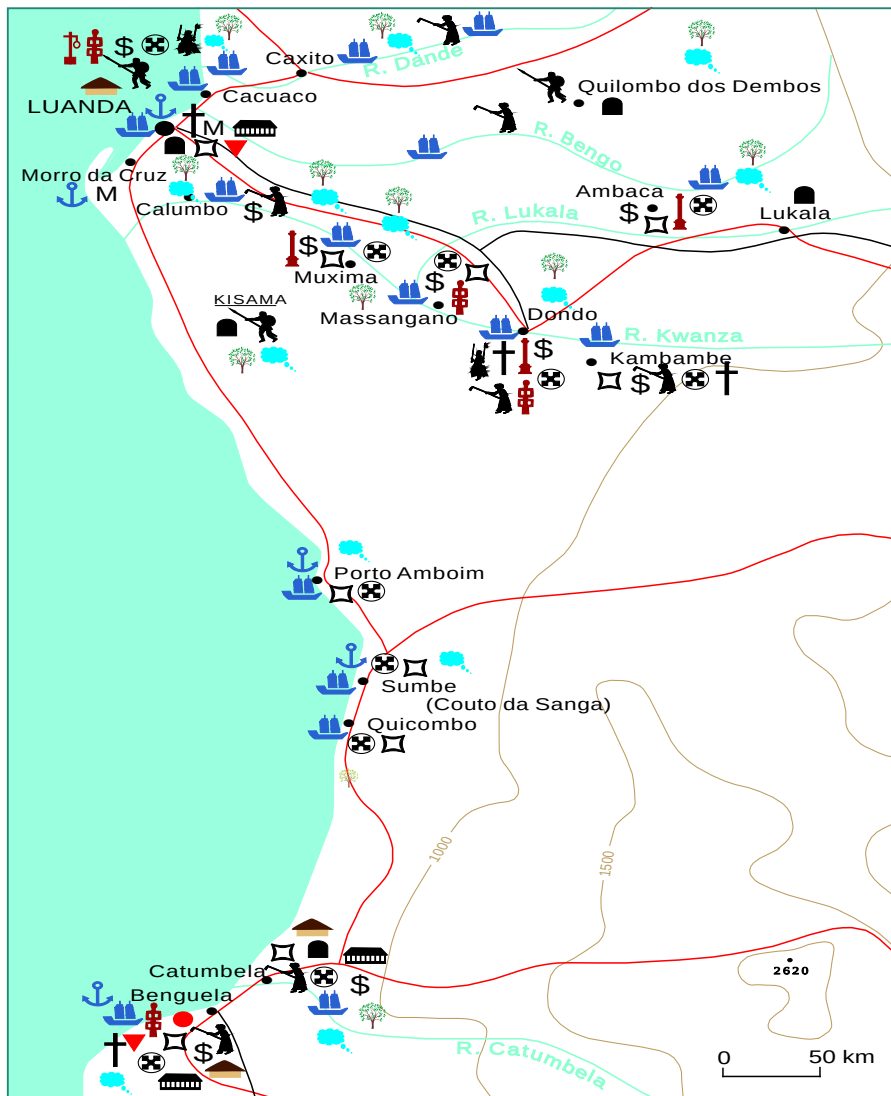


8. Igreja de Nossa Senhora do Pópulo, em Benguela (século XVIII): lugar de cristianização dos escravos.

The churches of our Lady of the Poplars in Benguela (18th century): churches were also used to christianise the slaves.

Vale do Kwanza e Litoral Angolano

Kwanza valley and the Angolan Coastline



2020

Altitude em metros
Altitude in meters

1000 Curva de nível
1000 Contour

Costeira
Coastline

Estrada
Road

Caminho-de-ferro
Railway-line

Capital do País / Outra localidade
Capital city / Other locality

KISAMA Região
Kisumu Region

LEGENDA/KEY

Sítios/ Sites

- Relígio
Religions
- Embarque/Desembarque/Trânsito
Loading / Unloading / Transporting
- Relígio
Religions
- Produção
Production
- Revolta/Resistência
Revolt / Resistance
- Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se
alteram)
Toponyms (linguistic forms still present or preserved
only in memory)

- Depósito de Escravos/Concentração, Barracão/Quintalão
Holding bays for slaves / Deposits, Shed / Stockyard
- Festa/mercado
Fair / Markets
- Festa/Rituais
Celebrations / Rituals
- Cemitério
Cemetery
- Castigo
Punishment
- Monumentos classificados
Classified Monuments
- Conjuntos construídos
Built clusters

- Fortaleza
Fortress
- Igreja/Capela/Batismo
Church/Chapel/Baptism
- Mesquita
Mosque
- Palácio/Residência
Mansion / Residence owner's house
- Hospital
- Construções (casas comerciais, armazéns,
alfândegas)
Buildings (stores, warehouses, customs houses)
- Museus da escravatura
Slavery Museums

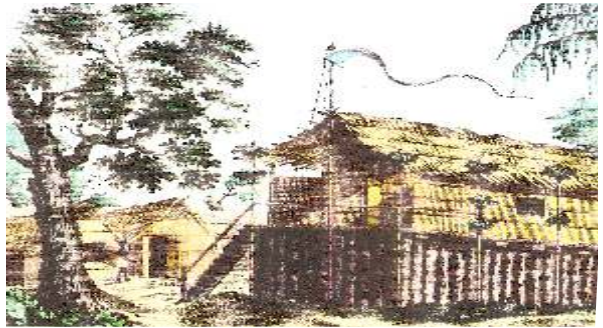
Objectos Diversos

- Vários Objectos
Various Objects
- Classificados, em museus
Classified in Museums
- Identificados, em depósito
Identified, stored
- Recolhidos, por classificar
Collected, to be classified
- Barco naufragado
Shipwrecked vessel
- Outros Sítios
Other Sites
- Arvores/Bosques
Trees/Woods
- Memoórias
Memories



9. Carregador africano armado e vestido com tecidos europeus.

Armed African porter in European clothes.



10. Instalação portuguesa de natureza militar, situada no interior, destinada a controlar as populações e a desenvolver o comércio de escravos.

Portuguese military-type facilities situated in the hinterland aimed at controlling the local population and undertaking the slave-trade.



11. As conchas cauri constituíram durante séculos a «moeda» mais utilizada e valorizada nas trocas comerciais africanas. Introduzidas no continente, primeiro no litoral Índico, e depois pelos portugueses e outros europeus em toda a África, as importações destas conchas atingiram níveis muito elevados, marcando as economias africanas. Para além do valor económico e da função comercial, as cauris desempenharam também um lugar central em rituais e cerimónias religiosas/sagradas, sendo um indicador social e de poder em inúmeras sociedades africanas.

For many centuries, kauri shells were most frequently used and valued as «money» in African commercial dealings. They were first introduced along the Eastern coastline and afterwards by the Portuguese and other European traders to the rest of Africa. Importing kauri shells became a thriving business and exerted an influence on African economies. Apart from their economic value and commercial utility, kauri shells also played a central role in rituals and religious / sacred ceremonies and acted as a social and power-wielding status symbol in numerous African societies.

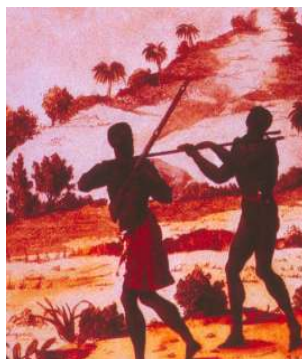
Do ponto de vista da organização económica e social, o antigo comércio africano a longa distância mostrou-se capaz de integrar as propostas providas do alargamento e da banalização do comércio de escravos. O escravo transformou-se na mercadoria mais procurada pelos europeus, trocada por bens de prestígio, que incluíam as armas de fogo e a pólvora, assim como os tecidos, as bebidas alcoólicas, as missangas e as conchas cauri, provenientes das Ilhas Maldivas, no oceano Índico.

From the standpoint of its economic and social organisation, former long-distance African trading showed that it was able to integrate policies aimed at extending and banalising the slave trade. Slaves became one of the Europeans' most sought-after commodities and were exchanged for prestigious goods that included firearms and gun powder, as well as cloth, alcoholic beverages, beads and kauri shells coming from the Maldives in the Indian Ocean.



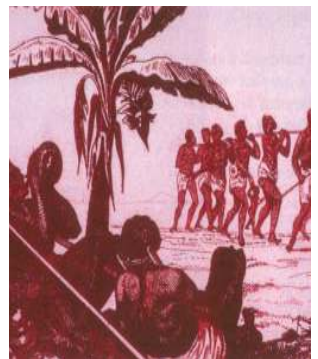
12. Condutor de escravo, com colar e pulseira de missangas, mas sobretudo com espingarda e cacete repressivo.

African slave boss with bead necklace and bracelet but mainly with his musket and cudgel.



13. Africano armado com uma espingarda lazarina, introduzida pelos europeus, conduzindo um escravo nu e preso pelo pescoço.

African armed with his lazarino flintlock musket leading along a naked slave whose neck is clamped in an iron fork.

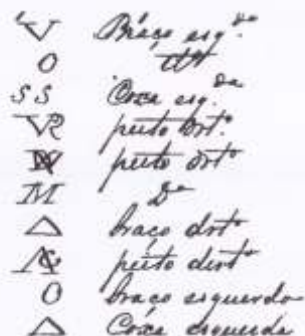


14. Caravana de escravos. Mulheres e homens eram transportados presos; as crianças seguiam livres junto das mães. Slave caravan. Men and women were shackled; the children were allowed to walk unfettered next to their mothers.

Instrumentos de ferro destinados a restringir os movimentos dos escravos sem os impedir de trabalhar.
Iron shackles aimed at restricting the slaves' freedom of movement, without preventing them from working.



15. 16. 17. Grilhetas com cadeado, Algemas e Esfera de ferro, com 15 Kg utilizada para impedir a fuga dos escravos.
Neck braces with locks, Handcuffs, Ball and chain weighing 15 kg used to stop slaves from escaping.



18. Os Escravos eram marcados a ferro e fogo como os animais, segundo códigos estabelecidos, que separavam os lados esquerdo e direito do corpo.
The slaves were branded with hot-irons and fire like animals.

The body sites of such brands were in conformity with the codes separating the left side of the body from the right

19. Ferros utilizados em Angola para marcar os escravos destinados à exportação. Esta marcação dava indicações sobre o proprietário individual ou o representante de casa comercial ou de instituição do Estado.
Branding irons used in Angola on slaves to be exported. The brand showed who the individual owner was or the trading-company representative or the State enterprise.

Branding irons used in Angola on slaves to be exported. The brand showed who the individual owner was or the trading-company representative or the State enterprise.

Em toda a região, a estratégia dos africanos contra a escravatura foi a fuga: os grupos ameaçados não hesitavam em abandonar aldeias, florestas, lavras para procurar abrigo onde pudessem estar a salvo da ameaça negra, organizando vários lugares de refúgio denominados quilombos ou mocambos, mutolos ou coutos. Foi, de resto, esta a estratégia utilizada pelos escravos das plantações de açúcar em São Tomé, no século XVI, criando os seus mocambos, e também pelos escravos africanos nas Américas, sobretudo no Brasil, onde os quilombos – dos quais o mais conhecido é o de Palmares, no nordeste brasileiro – repetem as estruturas aldeãs-militares das populações angolanas.

All over the country, the Africans' strategy against slavery lay in escape: groups that were threatened did not hesitate to flee from their villages, forests or farmlands in order to seek shelter where they would be safe from the slave trade. They organised various shelters or hideouts called quilombos or mocambos, mutolos or coutos (lodges). Indeed, this method was also used by the slaves labouring on the sugar plantations on the island of São Tomé in the 16th century, where they set up their own mocambos. African slaves in the Americas, notably in Brazil did the same where their quilombos – one of the most famous is in Palmares in North-East Brazil – copied the kind of fortified villages used by the Angolan people.



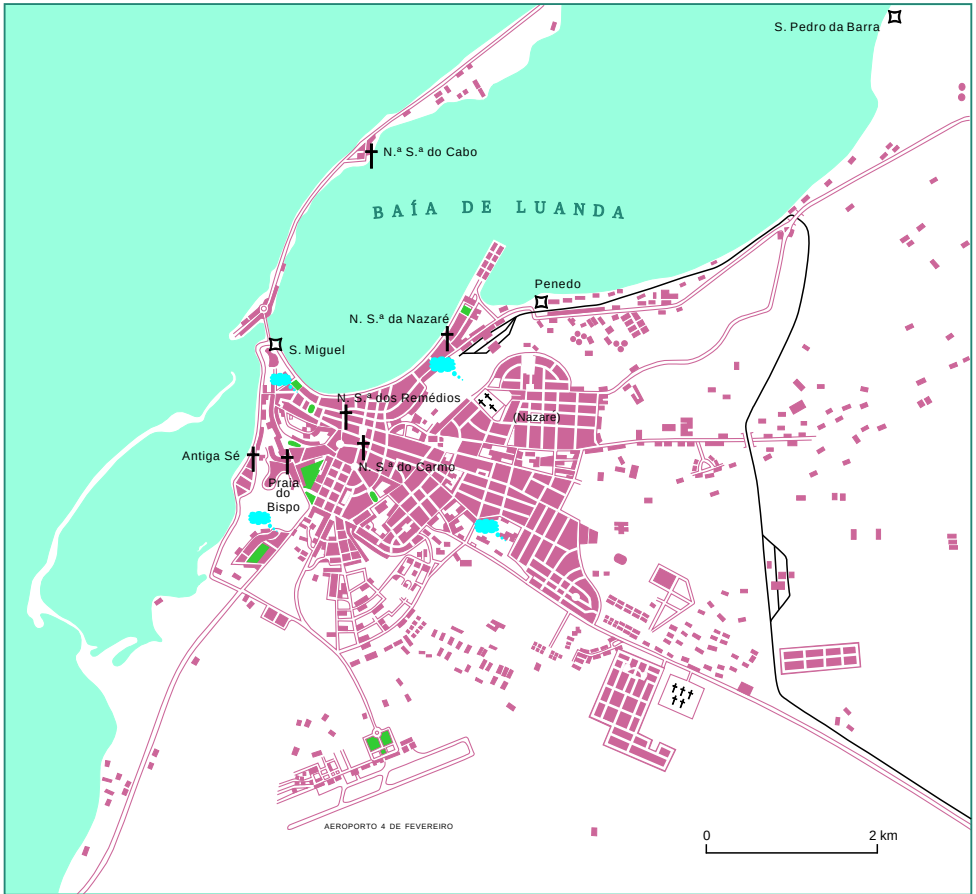
20. Quilombo de Quipaca, segundo o Soba Quingolo. Hiding-place or refuge, Quilombo of Quipaca, according to the Quingolo Chief or Soba.



21. Quilombo «Buraco do Tatu», em Itapoam, Brasil. Fugitive-slave hideout or quilombo called the "Buraco do Tatú" ("Armadillo's Shelter") on the Itapoã coast, Brazil.

Luanda: Igrejas e Fortalezas

Luanda: Churches and Fortresses



2450 Altitude in metres / Altitude in metres
 1000 Curva de nível / Gradient
 Fronteira / Border
 Estrada / Road
 Caminho-de-ferro / Railway line
 Capital do País / Outra localidade / Capital city / Other locality
 KISAMA Region

LEGENDA / KEY			
Sítios / Sites	Depósito de Escravos/Concentração / Slaveholding / Concentration	Fortaleza / Fortress	Objectos Diversos / Various Objects
Religião / Religion	Feira/ Mercado / Fair / Market	Igreja/Capela/Baptismo / Church/Capel/Baptism	Classificados, em museus / Classified in museums
Embarque/Descembarque/Trânsito / Loading/Unloading / Transporting	Festas/Rituais / Celebrations/ Rituals	Mesquita / Mosque	Identificados, em depósito / Identified, stored
Religioso / Religious	Cemitério / Cemetery	Palacete/sobrado / Mansion / Plantation owner's house	Recolhidos, por classificar / Collected, to be classified
Produção / Production	Castigo / Punishment	Hospital / Hospital	Barco naufragado / Shipwrecked vessel
Revolta/Resistência / Revolt / Resistance	Monumentos classificados / Classified Monuments	Construções (casas comerciais, armazéns, alfândegas) / Buildings (stores, warehouses, customs houses)	Outros Sítios / Other Sites
(MOCAMBIC) Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) / Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)	Conjuntos construídos / Built clusters	Museus da escravatura / Slavery Museums	Árvore/planta / Trees/Woods
			Mémoiras / Memories

Luanda tornou-se, a partir do momento em que os portugueses passaram da ilha de Luanda para terra firme (século XVI), o centro da sua presença na região, directamente associada à estruturação do comércio negroiro atlântico, tendo-se tornado na cidade mítica dos afro-brasileiros. Luanda fazia refluir para o interior mercadorias de todas as origens, que exerceram uma forte influência na contínua renovação dos valores culturais angolanos.

As from the moment the Portuguese rounded Luanda Island to step on dry land (in the 16th century), Luanda became the centre marking their presence in the region. It was directly associated with building up the slave trade across the Atlantic, and became a mythical city for Afro-Brazilians. Luanda re-distributed merchandise of all kinds to the inland areas where it exerted a heavy influence on the continuing renewal of Angolan cultural values.



22. Morro da Cruz e Museu da Escravatura (edifício do século XVIII): sítio de onde partiram milhares de escravos. A capela isolada face ao mar, numa natureza sem árvores e sem agricultura, é um símbolo da desolação provocada pelo comércio negroiro.

Morro da Cruz (Hill of the Cross) and the National Slavery Museum (built in the 18th century); it was the departure point of thousands of African slaves. The solitary chapel in its natural surroundings without trees or cultivated farmland overlooking the sea, is a symbol of the desolation caused by the slave trade.

Em Angola multiplicam-se os lugares de memória da escravatura. Luanda apresenta ainda hoje inúmeros sítios – construídos pelos negreiros ou inventados pelos escravos – que mostram a importância deste comércio secular na organização da cidade. Portos, alfândegas, fortes e fortalezas, igrejas e capelas, mercados, *quitandas* e feiras; casarões e palacetes, armazéns e quintalões, mas também objectos vários, monumentos vegetais, locais de refúgio, espaços rituais de resistência dos homens transformados em mercadoria, constituem a memória de uma cidade ligada durante séculos ao tráfico negroiro.

Places containing the memory of slavery have multiplied in Angola. Luanda has numerous sites even today – built by the slave traders or invented by the slaves – that show the importance this centuries-old trade had when building the city. The ports, custom houses, forts and fortresses, churches and chapels, market places, quitandas and fairgrounds, mansions and manor houses, warehouses and stockyards/holding bays, but also various other objects, monuments of natural vegetation, shelters, ritual places of resistance belonging to men who had been turned into merchandise, all make up the memory of a city linked to the slave trade for centuries.



23. 24. Luanda: a Cidade Baixa, comercial e portuária, a Fortaleza de São Miguel e a Ilha de Luanda
Luanda: downtown, trading centre and port. The São Miguel Fortress and Luanda Island.



25. 26. A Alfândega de Luanda e as Portas do Mar. Situadas frente à Alfândega, eram o local de embarque dos escravos vindos do interior.

The Luanda Customs House and the Seagates. Facing the customs house was the point at which the slaves coming from the hinterlands were shipped off.

Luanda: Centro Histórico Esclavagista

Luanda: The Historical Slaves-Trade Centre



Altitude in meters / Altitude in metres
Curva de nível / Gradient
Fronteira / Border
Estrada / Road
Caminho-de-ferro / Railway-line
Capital do País / Outra localidade / Capital city / Other locality
KISAMA Região / Region

- 1- Alfândega de Luanda.
The Luanda Customs House
- 2- Conjunto Baleizão: sobrados dos séculos XVII a XIX.
The Baleizão cluster: 17th to 19th - century mansions.
- 3- 6,10,11,13,14,15,16,17 - Sobrados dos séculos XVII-XIX, existentes ou em ruínas.
17th to 19th - century mansions, still standing or in ruins.
- 4- 8,12,18 - Sobrados do século XIX, existentes ou em ruínas.
19th - century mansions, still standing or in ruins.
- 5- Palácio (século XVII) de D. Ana Joaquina dos Santos.
18th - century palace - belonging to Dona Ana Joaquina dos Santos.
- 7- Lugares onde existiam sobrados, hoje desaparecidos.
Places where mansions once stood.
- 9- Sobrados do século XVII.
19,20,21,22 - Ruínas de quintais, alguns dos quais foram recuperados para outras actividades.
- 19,20,21,22 - Ruínas de quintais, alguns dos quais foram recuperados para outras actividades.
Stockyards in ruins, some of which were reconverted for other uses.

LEGENDA/KEY

Sítios/ Sites

- Religião / Religion
- Embarque/Desembarque/Trânsito / Loading/Unloading / Transporting
- Religião / Religion
- Religião / Religion
- Produção / Production
- Revolução/Restauração / Revolution/Restoration
- Tóponimos (formas linguísticas que se mantêm ou se perderam) / Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)

Depósito de Escravos/Concentração, Barracão/Quintalão

- Feira/Market
- Festas/Rituais / Celebrations/Rituals
- Cemitério / Cemetery
- Castigo / Punishment
- Monumentos classificados / Classified Monuments
- Conjuntos construídos / Built clusters

Fortaleza / Fortress

- Igreja/Capela/Baptismo / Church/Chapel/Baptism
- Mosquita / Mosque
- Palácio/Sobrado / Mansion / Plantation owner's house
- Hospital / Hospital
- Construções (casas comerciais, armazéns, alfândegas) / Buildings (stores, warehouses, customs houses)
- Museus da escravatura / Slavery Museums

Objetos Diversos / Various Objects

- Classificados, em depósito / Identified, in deposit
- Recolhidos, por classificar / Collected, to be classified
- Barco naufragado / Shipwrecked vessel
- Outros Sítios / Other Sites
- Árvore/Botânica / Tree/Plants
- Mémoires / Memories



27. Quitandeiras de Luanda: agentes da comercialização urbana.
The Quitandeiras of Luanda: urban vendors



28. Mercado da Caponta: estrutura totalmente africana.
Caponta Market: a totally African enterprise.

Também as igrejas, lugares do culto católico, destinadas aos europeus e utilizadas para se oporem às práticas religiosas africanas - os escravos deviam ser baptizados antes de serem embarcados como mercadoria – são sítios de memória ligados à violência escravagista.

The churches, which were places for Catholic worship, for the Europeans and used to oppose African religious practices – the slaves were supposed to be baptised before being shipped out as cargo sites of memory recalling the violence of the slave trade



29. Igreja da Nazaré, antiga ermida de Nossa Senhora da Nazaré construída no século XVII, virada para a Baía de Luanda.
Nazareth Church, the old hermitage of Our Lady of Nazareth, built in the 17th century, facing Luanda Bay.



30. Igreja do Carmo (século XVII), situada nas Ingombotas, local onde se concentravam inúmeros quintalões de escravos.
Carmo Church (17th century) situated in the Ingombotas, the locality of numerous stockyards or holding bays for slaves

Luanda não pode deixar de ser uma cidade mestiça, associando na sua arquitectura grandes construções como os sobrados – ocupados pelos membros de uma aristocracia local, mas também por grandes comerciantes e negreiros -, aos quintalões, espaços contíguos aos sobrados destinados ao armazenamento dos escravos.

Luanda cannot but help being a mestizo city, where the architecture of its large buildings such as its sobrados or its great mansions – occupied by the local aristocracy but also by the rich merchants and slave traders – were connected with the stockyards or holding bays adjoining the sobrados and reserved for stockpiling slaves.



31. 32. Largo do Baleizão, antigo sítio do Terreiro Público onde se procedia à concentração e à venda de escravos e Rua dos Mercadores com os seus sobrados.
Baleizão Square, the old Public Market where slaves were assembled and sold. Rua dos Mercadores with its mansions (sobrados).



33. Palácio de D. Ana Joaquina (século XVIII). Residência da maior negreira angolana do século XIX.
Dona Ana Joaquina's Palace (18th century). This was the home of the most important Angolan slave trader in the 19th century.

Arquipélago de Cabo Verde

Cape Verde Archipelago



• Altitude em metros / Altitude in metres
-1000- Curva de nível / Gradient
- Fronteira / Border
- Estrada / Road
- Caminho-de-ferro / Railway-line
● Capital da País / Outra localidade / Capital city / Other locality

KISAMA Região / Region

LEGENDA/KEY			
Sítios/ Sites	Depósito de Escravos/Concentração, Barracão/Quintalão Holding bays for slaves / Depots. Shed / Stockyard	Fortaleza Fortress	Objectos Diversos Various Objects
Refúgio Refuges	Feira/Market Fair / Markets	Igreja/Capela/Batismo Church/Chapel/Baptism	Classificados, em museus Classified in Museums
Embarque/Desembarque/Trânsito Loading / Unloading / Transporting	Festas/ Rituais Celebrations/ Rituals	Mesquita Mosque	Identificados, em depósito Identified, stored
Religioso Religious	Cemitério Cemetery	Palácio/Quilombo Mansion / Plantation owner's house	Recolhidos, por classificar Collected, to be classified
Produção Production	Castigo Punishment	Hospital Hospital	Barco naufragado Shipwrecked vessel
Revolta/Resistência Revolt / Resistance	Monumentos classificados Classified Monuments	Construções (casas comerciais, armazéns, aldeamentos) Buildings (stores, warehouses, customs houses)	Outros Sítios Other Sites
Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)	Conjuntos construídos Built clusters	Museus da escravatura Slavery Museums	Avorelos/bosques Trees/Woods
(MOCAMBO)			Memórias Memories



1. Paisagem agreste e sem vegetação na ilha de Maio. O arbusto que se encontra em primeiro plano mostra na sua estrutura a violência da Lestada.

The desolate landscape without any vegetation on Maio Island. The shape of tree pictured in the foreground indicates the severity of the harmattan.

O arquipélago de Cabo Verde, situado na zona tropical do Atlântico Norte, é constituído por dez ilhas e alguns ilhéus de origem vulcânica. Tem uma superfície de 4.033 km² e encontra-se a cerca de 450-500 km da costa senegalesa, precisamente do Cabo Verde que lhe deu o nome.

Pela sua posição geográfica, no extremo ocidental da região do Sahel, caracteriza-se por um clima árido e semi-árido, marcado por períodos de seca extrema, que deram origem àquilo que se continua a chamar as "crises", isto é, as fomes cíclicas que, em certos casos, condenaram à morte cerca de 50% da população e levaram muitos cabo-verdianos, desde o século XIX, a procurar na emigração as soluções de sobrevivência.



3. Atrás desta paisagem de mar e coqueiros, Santo Antão apresenta, hoje como ontem, os trapiches e a cana-de-açúcar que marcam a organização social e física da ilha.

Behind the landscape of sea and coconut trees, Santo Antão shows its waterfront warehouses and sugar mills that have influenced the island's social and physical planning today as they did yesterday.

Tal como se verificou em outras ilhas do oceano Atlântico, o arquipélago de Cabo Verde era desabitado, razão que levou os portugueses – quando o descobriram, em 1460 – com a ajuda de outros europeus, mas, sobretudo, de africanos, a organizar as condições da sua rendibilidade que, naturalmente, impunham, em primeiro lugar, a criação de uma sociedade.

O interesse dos colonos portugueses centrou-se na ilha de Santiago, onde introduziram plantas - da cana-de-açúcar à bananeira -, contribuição reforçada pelos escravos que trouxeram consigo, de África, plantas, instrumentos agrícolas e técnicas culinárias: saliente-se o caso do cuzcuz, que revela as relações com o Islão, e a invenção dos cuzcuzeiros utilizando as nozes de coco (bindi).



2. Fortaleza Real de São Filipe destinada a fazer face também ao inimigo do interior, os escravos.

The Royal St. Philip Fort also built as a defence against the inland enemy, the slaves.

The Cape Verde Archipelago is situated in the tropical region of the Northern Atlantic and is composed of ten islands and some islets of volcanic origin. It has an area of 4,033 km² and is located about 450-500 km from the Senegalese coast, more precisely from the Green Cape from whence it received its name.

Owing to its geographical position in the extreme west of the Sahel region, it is characterised by an arid and semi-arid climate, punctuated by periods of severe drought which give rise to what are still called crises, or rather, cyclical bouts of hunger which, in certain cases, have condemned to death about 50% of the population. Ever since the 19th century, they have caused many Cape-Verdeans to immigrate in order to survive.



4. Igreja de Mindelo que mostra a mestiçagem técnica do arquipélago.

Mindelo Church that shows the archipelago's architectural miscegenation.

As was witnessed in other Atlantic islands, the Cape Verde Archipelago used to be uninhabited. This was why the Portuguese – after having discovered it in 1460, and with the help of other Europeans although mostly due to the Africans – started organising work so as to make it profitable. This naturally meant creating a society in first place.

The Portuguese colonizers were mostly interested in the island of Santiago where they introduced crops ranging from sugar cane to banana trees. The work was done by slave labour brought from Africa, together with the crops, farm tools and cooking techniques also from Africa: the case of couscous should be pointed out as it revealed contact with Islamism, as well as the invention of couscous pots called bindi using coconut shells.

A fragilidade da produção agrícola não proporcionava quaisquer lucros o que obrigou esta sociedade em formação a inventar uma produção capaz de tornar rendíveis os investimentos realizados: desde o século XVI a produção de escravos destinados, em particular, às Américas e, mais tarde, exportados também para outras regiões africanas – como é o caso de São Tomé no século XIX sob a forma de “contratados” - os serviços - caracteriza a economia do arquipélago.

Farm production was scanty and did not provide any profit. It therefore forced this society-in-the-making to “invent” production able to capitalise on the investments that had been made: from the 16th century onwards it was the “production” of slaves destined for the Americas more in particular, and later on exported to other parts of Africa – such as in the case of São Tomé in the 19th century using the system of “indentured labourers”. This was what now characterised the archipelago’s economy.



5. Braceletes de ferro, encontrados na Cidade Velha e datados do século XVI, utilizados no comércio de escravos.

Iron bracelets dating from the 16th century used in the slave trade and found in the Old City.



6. Dallers, moedas utilizadas na compra de escravos, recuperada de um navio sueco, naufragado na costa da Ilha de Maio, em 1782.



8. O marfim era negociado pelos europeus, juntamente com os escravos, na costa de África. Trata-se aqui de marfim resgatado do navio, “Princesa Luíza”, naufragado na costa da Ilha de Maio, em 1742.

Ivory together with slaves were transacted by the Europeans along the African coast. Here, the ivory was salvaged from the shipwrecked vessel “Princess Luiza” which sank off the coast of Maio Island in 1742.



7. Panaria caboverdeana que utiliza técnicas estritamente africanas.

Close-up of a Cape-verdean cloth woven by using only African techniques.



9. Tecelagem da Ilha de Maio que utiliza as técnicas importadas da Europa.

Weaving on Maio Island using techniques imported from Europe.



10. Festas de Santa Cruz, na ilha do Fogo. Estas festas, ainda hoje conhecidas por “festas dos escravos”, realizam-se em várias ilhas do arquipélago. Mostram a recuperação pelos Cabo-verdianos, não só de elementos do catolicismo, mas também dos instrumentos musicais europeus, como é o caso destes tambores, para os integrar num projecto africano.

The Santa Cruz Festival on Fogo Island. Today, this celebration is still known as the “slave festival” and it is held on several parts of the islands. It demonstrates that the Cape-Verdeans have not only reclaimed some of the features of Catholicism but also European musical instruments such as these drums and have integrated them into an African custom.

Esta estrutura socioeconómica produtora de escravos não podia deixar de marcar os lugares, multiplicar os objectos, registar as memórias: a toponímia, as técnicas – como aquelas que permitiram o desenvolvimento da panaria de Cabo Verde –, as plantas, os jogos, as festas ou as formas musicais contêm marcas culturais africanas; fortes, igrejas, portos, navios naufragados, construções diversas sublinham a violência escravagista que caracteriza a história das ilhas de Cabo Verde.

Quanto aos escravos, puderam preservar a sua memória e a sua identidade através da toponímia: termos originários de diferentes línguas africanas (mandinga, wolof, etc...), atravessaram os séculos continuando a designar lugares, habitações, aldeias fortificadas, objectos domésticos de uso quotidiano, gestos e formas familiares, canções, festas, instrumentos musicais, jogos, rituais religiosos. Deste modo, os escravos africanos recuperaram o espaço dos colonos, dos comerciantes negreiros, dos seus proprietários europeus.

The socio-economic organisation based on producing slaves could not but help leave its stamp on places, multiplying objects and registering memories: the toponymy, the skills – such as those allowing the Cape-Verdean cloth industry to develop –, the crops, games, festivals or kinds of music contain African cultural influences; the forts, churches, ports, shipwrecked vessels and the various buildings stress the slave-trading nature that characterises the history of the Cape Verde Islands.

The slaves were able to preserve their memory and their identity though toponyms: words derived from different African languages (Mandinga, Wolof, etc...) that came down through the centuries and continue to designate places, housing, fortified villages, domestic objects that are used in daily life, gestures and familiar forms, songs, festivities, musical instruments, games and religious rituals. In this way, the African slaves reclaimed their space from the colonists, the slave-traders and their European masters.



11. Pilão africano destinado a moer o milho, indispensável à cachupa, preparação culinária que mistura produtos provenientes da América, da Europa, da Ásia e da África.

The African mortar for pounding maize, one of the ingredients of cachupa. This stew comprises a mixture of food that originally came from America, Europe, Asia and Africa.



12. Ribeira dos Engenhos e das Águas Bellas. Aqui, existiu uma importante concentração de escravos que, associados à população local, se revoltaram em 1822.

Ribeira dos Engenhos (Sugar Mill Stream) and Águas Bellas (Beautiful Waters). There was a large settlement of slaves living here that rose up in revolt in 1822 together with the local population.

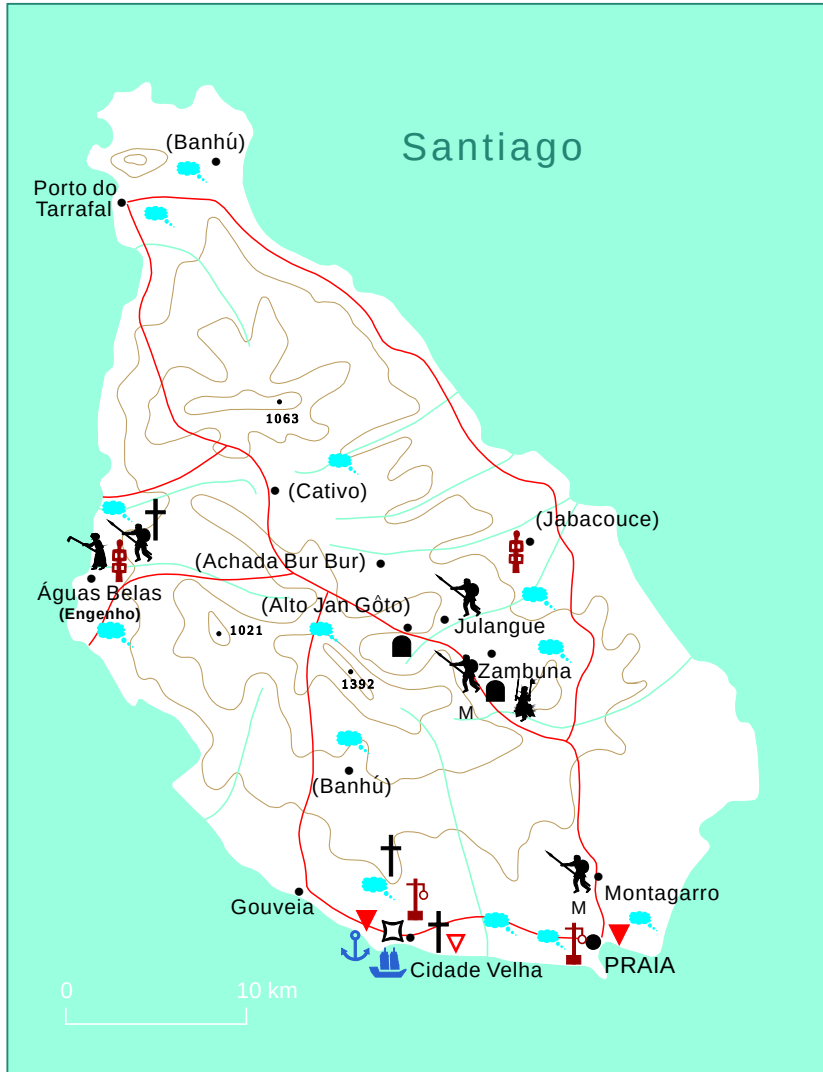


13. O Funco é um termo de origem guineense que designa as casas cilíndricas construídas primeiro pelos escravos e depois pela população livre. Ainda hoje constitui a casa de muitos habitantes da ilha de Santiago.

Funco is an originally Guinean word for describing the round houses made first by the slaves and afterwards by the freed population. Even today, many inhabitants of Santiago Island live in them.

Ilha de Santiago

Santiago Island



200 Altitude in metres / Altitude in metres
 1000 Curva de nível / Gradient
 --- Fronteira / border
 --- Estrada / Road
 --- Caminho-de-ferro / Railway line
 • Capital do País / Outra localidade / Capital city / Other locality
 KISAMA Região / Region

LEGENDA/KEY			
Refúgio Refuges	Depósito de Escravos/Concentração Holding bays for slaves / Depots. Shed / Stockyard	Fortaleza Fortress	Objectos Diversos Various Objects
Embarque/Desembarque/Trânsito Loading / Unloading / Transporting	Feira/Mercado Fair / Markets	Igreja/Capela/Batismo Church/Chapel/Baptism	Classificados, em museus Classified in Museums
Religioso Religious	Festas/Rituais Celebrations/ Rituals	Mesquita Mosque	Identificados, em depósito Identified, stored
Produção Production	Cemitério Cemetery	Palácio/Residência Mansion / Planation owner's house	Recolhidos, por classificar Collected, to be classified
Revolta/Resistência Revolt / Resistance	Castigo Punishment	Hospital	Barco naufragado Shipwrecked vessel
Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)	Monumentos classificados Classified Monuments	Construções (casas comerciais, armazéns, alpendres) Buildings (stores, warehouses, customs houses)	Outros Sítios Other Sites
	Conjuntos construídos Built clusters	Museus da escravatura Slavery Museums	Árvores/Bosques Trees/Woods
			Memórias Memories

De entre todas as ilhas do arquipélago, Santiago é, por certo, a que mantém a memória africana mais forte, ligada à escravatura e ao tráfico negroiro.

O pelourinho da Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, é o símbolo mais visível deste passado violento. A cidade possui outros lugares de memória da escravatura, como o porto, onde se encontram navios naufragados, objectos e vestígios de mercadorias ligados ao tráfico.

Among all the islands composing the archipelago, Santiago best preserves its African memory linked to slavery and the slave trade.

The Pillory in Cidade Velha, formerly Ribeira Grande, is the most visible symbol of its violent past. The city has other sites safeguarding the memory of slavery, like the port where we still find shipwrecked vessels, objects and traces of merchandise connected with the slave trade.



14. 15. Pelourinho e Ruínas da Cidade Velha. O Pelourinho é um monumento em pedra que marca simultaneamente o exercício efectivo do poder branco e o local onde se procedia ao castigo público dos escravos.

The ruins and the pillory in Cidade Velha. It is a stone monument that simultaneously indicates the white man's effective exercise of power and the place where the slaves were punished in public.



16. Igreja de Nossa Senhora do Rosário (século XV). Este figura religiosa foi escolhida pelos escravos para organizar a sua resistência contra os proprietários branco e/ou mestiços.

The Church of Our Lady of the Rosary (15th century). This religious figure was chosen by the African slaves to ensure their organised stand against the white masters.



17. Mercado de Santiago: sobre a calçada à portuguesa as estruturas comerciais africanas.

Santiago Market: the African stalls are standing on Portuguese-type paving stones.



18. A Ilha de Santiago e a cidade.
Santiago Island and the city.

Guiné - Bissau

Guinea - Bissau



2020

Altitude em metros
Altitude in metres

1000
Curva de nível
Gradient

Erroteira
Border

Estrada
Road

Caminho de ferro
Railway-line

Capital do País / Outra localidade
Capital city / Other locality

KISAMA Região
Region

Sítios / Sites

- Refúgio
Refuges
- Embarque/Descembarque/Transito
Loading/Unloading / Transporting
- Religioso
Religious
- Produção
Production
- Revolta/Resistência
Revolt / Resistance
- Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória)
Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)

- Depósito de Escravos/Concentração; Barracão/Quartelão
Holding bays for slaves / Depots, Shed / Stockyard
- Festa/Mercado
Fair / Markets
- Festas/Rituais
Celebrations/ Rituals
- Cemitério
Cemetery
- Castigo
Punishment
- Monumentos classificados
Classified Monuments
- Conjuntos construídos
Built clusters

LEGENDA/KEY

- Fortaleza
Fortress
- Igreja/Capela/Baptismo
Church/Capel/Baptism
- Mosquita
Mosque
- Palácio/Robrado
Mansion / Plantation owner's house
- Hospital
Hospital
- Construções (casas comerciais, armazéns, alpendres)
Buildings (stores, warehouses, customs houses)
- Museus da escravatura
Slavery Museums

Objectos Diversos Various Objects

- Classificados, em museus
Classified in Museums
- Identificados, em depósito
Identified, stored
- Recolhidos, por classificar
Collected, to be classified
- Banco naufragado
Shipwrecked vessel
- Outros Sítios
Other Sites
- Arvores/Arvores
Trees/Woods
- Memórias
Memories

Situada na costa ocidental de África, a Guiné-Bissau estende-se do Cabo Roxo até à Ponta Cagete e é limitada a Norte pelo Senegal, a Este pela Guiné-Conakry e a Sul e a Oeste pelo Atlântico.

O território, com uma superfície de 36.120 km², apresenta duas componentes distintas: uma parte continental com um cordão de ilhas contíguo e uma parte insular, o arquipélago de Bijagós, constituído por cerca de 40 ilhas e separado do continente pelos canais de Geba, de Pedro Álvares, de Bolama e de Canhabaque.

Relevos de baixa altitude, planícies baixas e pantanosas, numerosos rios navegáveis compõem a Guiné-Bissau. Caracterizado por um clima tropical húmido, o país é vigorosamente marcado pelo regime das marés e pela existência de rias que desempenham uma importância vital no sistema de penetração e de transporte para o interior: em muitos locais é possível a navegação de longo curso para o interior, o que facilitou a fixação de populações ao longo de séculos.

Situated on the Western coast of Africa, Guinea-Bissau stretches from Cape Roxo to Cagete Point and is bounded to the North by Senegal, to the East by Guinea-Conakry and to the South and West by the Atlantic.

The country, which has an area of 36,120 km², has two distinct components: one part belongs to the continental shelf and has a continuous string of islands while the other part belonging to the Bissagos Archipelago consists of about 40 small islands and is separated from the mainland by the Geba, Pedro Álvares, Bolama and Canhabaque channels.

Guinea-Bissau is made up of low-lying land, low plains and swamps and numerous navigable rivers. It has a wet tropical climate and is highly influenced by its tides and estuaries that play a vitally important role in not only reaching the hinterlands but also providing the transport system: in many places it is possible to go far inland on long-haul boat trips which has made it easier to establish settlements there throughout the centuries.



1. Arquipélago de Bijagós.
The Bissagos Archipelago.



2. Pescador guineense, de pé na sua canoa, face à densidade da rede fluvial.

A Guinean fisherman standing in his canoe, tackling the dense river network.



3. Paisagem de Bolanha destinada à cultura do arroz. Aqui, a pesca é também uma actividade desempenhada pelas mulheres.

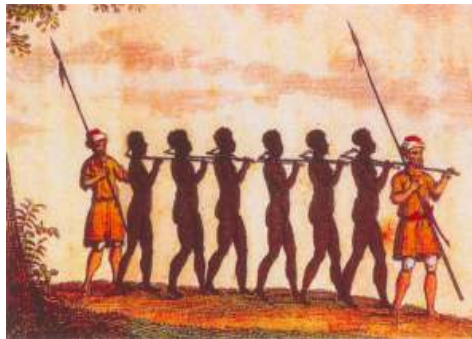
The rice paddy landscape of Bolanha. Here, fishing is also an activity carried out by the women.

O tráfico de escravos nesta região remonta ao século XV, logo após a chegada dos primeiros portugueses à costa da Guiné. No século XVI esse comércio desenvolve-se rapidamente graças à procura cada vez maior de mão-de-obra escrava para as Américas. Os negreiros europeus multiplicam-se nesta região, ao longo de vários séculos.



4. A forquilha de pau assegura um transporte mais barato dos escravos.
A wooden forked log was the cheapest form of shackling slaves on the move.

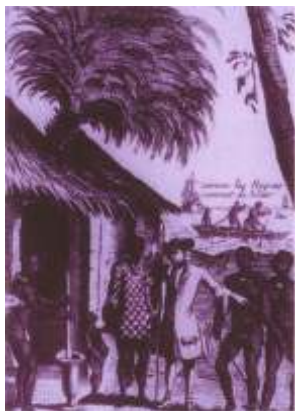
The slave trade in this region goes back to the 15th century, soon after the first Portuguese disembarked on the coast of Guinea. In the 16th century, trading quickly expanded thanks to the increasing search for slave manpower in the Americas. European slave traders multiplied in the area over the various centuries.



5. Caravana de escravos presos pelo pescoço e pelas mãos a uma forquilha (século XIX).
Caravan of slaves with their necks and hands imprisoned in the same forked logs (19th century).

A região compreendida entre o rio Cacheu e a ponta de Tombali, englobando o arquipélago de Bijagós, era a zona de maior afluência de navios de Cacheu, de Farim, de Geba e de Cabo Verde, todos para comprar escravos. O rio São Domingos, a noroeste da Guiné-Bissau, povoado por Felupes, Banhuns e Cassangas, é citado entre as áreas de captura de escravos, incluindo os prisioneiros das guerras frequentes registadas entre os grupos étnicos. Foi provavelmente a zona da Guiné que mais escravos forneceu, e dava acesso ao porto de Cacheu, muito frequentado por navios europeus.

The region lying between the Cacheu River and Tombali Point including the Bissagos Archipelago, received the largest number of ships coming in from Cacheu, Farim, Geba and Cape Verde, all of them intent on buying slaves. The São Domingos River lying northwest of Guinea-Bissau which was peopled by the Felups, Banhuns and Cassangas was mentioned as one of the places among the various areas where slaves were seized. The slaves included war prisoners captured in the frequent war among the ethnic groups. It is likely that the area around Guinea provided the most slaves who were taken to Cacheu Port that was crowded with European shipping.



6. A compra de escravos na costa ocidental africana no século XVII.
Buying slaves on the West coast of Africa during the 17th century.



7. Embarque de escravos. Ao longe, o navio negreiro destinado a transportar homens, mulheres e crianças africanas para o continente americano.
Slaves boarding ship. In the distance, is the slave-ship which will take African men, women and children to America.

A memória da escravidão e do tráfico negreiro encontra-se nos vestígios construídos pelos europeus – dos fortes, aos presídios, aos portos e às igrejas -, assim como nos objectos destinados a assegurar o controlo e a sobrevivência dos escravos, enquanto aguardavam o embarque nos navios negreiros.

The memory of slavery and the slave trade may be found in the ruins of buildings left by the Europeans – from forts to garrisons, to ports and churches. It is also present in the objects used to ensure the slave's detention and survival as they waited to board the slave ships.



8. Ponte e Cais de Bissau.
Bissau Bridge and quayside.



9. Ruínas do Forte de Cacheu.
Cacheu Fort in ruins.



10. Casa do Presídio de Geba, lugar de concentração de escravos.
The Geba military garrison where the slaves were stockaded.



11. Igreja de Geba.
Geba Church.



12. Porto de Bissau. *Bissau Port.*

Todavia, as marcas da violência escravagista estão também na memória das populações e na toponímia. Em ambos os casos é possível encontrar vestígios do comércio negreiro, em que o arquipélago de Bijagós desempenhou um papel central ao longo de vários séculos: por exemplo, a pequena ilha de Imbone, no sul, é um lugar reconhecido como refúgio de escravos.

Também Geba, onde se cruzavam os caminhos percorridos pelas caravanas que transportavam os escravos provenientes de Cantor, Firdú e de Casamansa é o lugar paradigmático da resistência dos africanos: “Geba é um lugar de triste memória” dizem ainda hoje as populações locais.

É visível a memória das trocas efectuadas nos locais de concentração de escravos - sobretudo as ilhas, como são os casos de Bolor, dos Escravos, das Galinhas (nome dado aos escravos que aí eram vendidos ilegalmente após a abolição do tráfico) -, das revoltas desencadeadas pelas populações contra os negreiros, dos castigos e dos massacres infligidos pelos traficantes europeus e dos sítios simbólicos - como Pas - de resistência ao comércio negreiro.

The violent marks left by slavery are nevertheless also entrenched in the people's memory and in their speech. In both cases, it is possible to find traces left by the slave trade where in the Bissagos Archipelago, it played a central role over a period of various centuries: for example, the small island of Imbone in the south was a well-known hiding place for slaves.

Geba, which was a crossroads for caravans coming with their slaves from Cantor, Firdú and Casmansa, was also the paradigmatic site of African resistance: “Geba, the place of sad memory” is still referred to by today's local population.

The memory of the exchanges that took place in the slave holding-bays is also visible – particularly on the islands. Such is the case of Bolor, Escravos (Slaves), Galinhas (Chickens, a code name for the slaves who were illegally sold there after the abolition of slavery) – and involved the people's revolts against the slave traders, the punishments meted out and the massacres perpetrated by the European slave traders as well as the symbolic sites that took a stand against the slave trade – such as Pas.



13. Bassamar, porto de embarque de escravos.
Bassamar, the port where the slaves boarded ship.



14. Porto de Cacheu. Lugar de onde partiram, entre os séculos XVI e XIX, centenas de milhar de escravos.
Cacheu Port. Between the 16th and the 19th centuries, hundreds of thousands of slaves left the region at this port.



15. Pas, segundo a tradição oral, é ainda hoje um lugar de resistência ao embarque por parte dos escravos.
Pas. According to folk lore, this was a place where the slaves put up a fight as they were forced to board ship.



16. Caldeira onde, segundo as populações locais actuais, se preparavam as refeições dos escravos.
The cooking pot where, according to folk lore, the slaves' food was cooked.

A ilha de Bissau foi utilizada inicialmente pelos lançados, associados aos grumetes do século XV, para a comercialização e exportação de escravos. Este núcleo inicial – a Bissau velha – foi reforçado no século XVIII pela construção da fortaleza de São José da Amura que arrastou consigo a urbanização da cidade, ainda visível nos nossos dias.

Bissau Island was initially used by the low-ranking ship-boys (called lançados) who had settled there and adopted the local customs in the 15th century, and who were busy trading and exporting slaves. This first centre – Old Bissau – was fortified in the 18th century when the São José da Amura Fortress was built. It was responsible for bringing with it the rest of the town that has survived in this space up to the present.



17. Fortaleza de São José da Amura, em Bissau, onde se armazenavam escravos vindos do interior.
The São José da Amura Fortress in Bissau where slaves were held after having arrived from the hinterland.



18. Entrada traseira da fortaleza da Amura, utilizada para evacuar, de forma dissimulada, os escravos destinados à exportação.
Back entrance to the Amura Fortress used to surreptitiously move out the slaves who were destined to board ship.

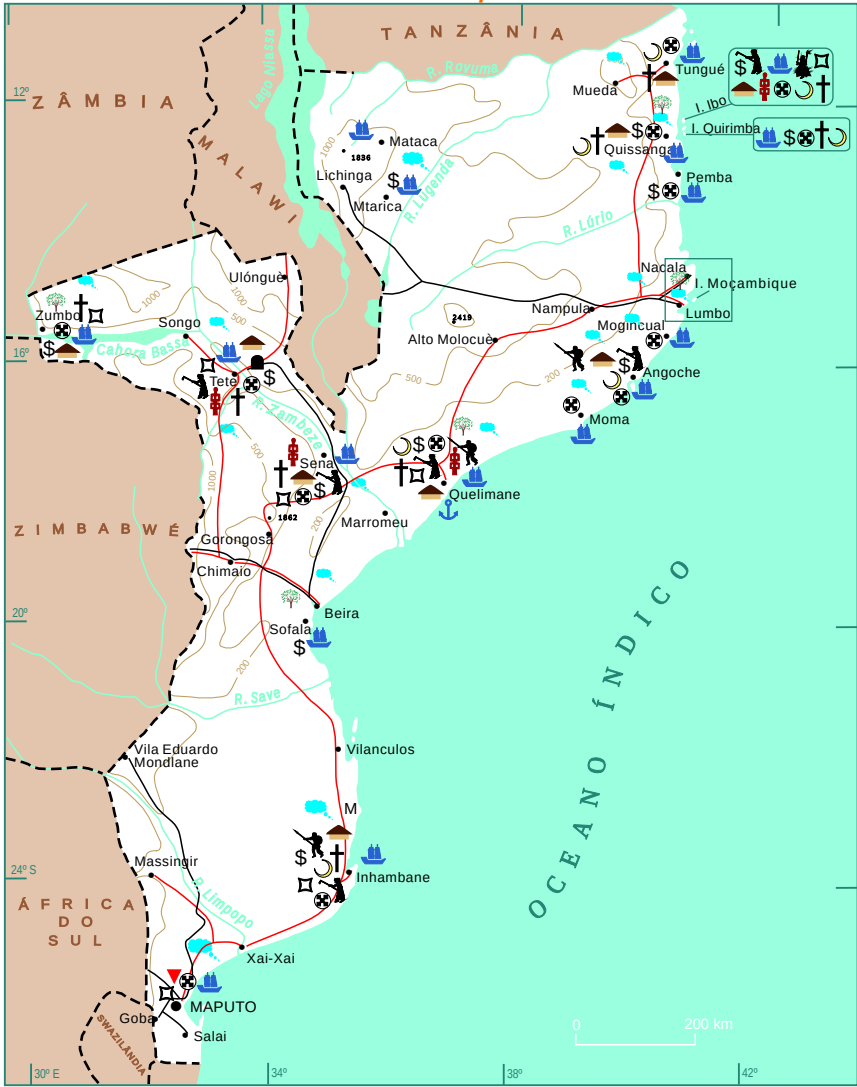


19. 20. A cidade de Bissau evidencia a arquitectura portuguesa, aliada às construções e às práticas africanas visíveis no Mercado da cidade. É também o caso dos edifícios do Cais, onde se associava o comércio lícito e a exportação dos escravos.
The city of Bissau shows signs of Portuguese architecture intermingling with African buildings and customs as seen in the city Market place. This is also the case of the Quayside where legal trading has rubbed shoulders with the slave trade.



21. Costa de Bissau. Rios e barcos são os agentes da utilização fluvial, que serve simultaneamente para alimentar as populações e para exportar os homens escravizados
The Bissau coastline. Rivers and boats are fluvial agents that simultaneously provide the population with food and export enslaved people.

Mozambique



2470

Altitude em metros
Altitude in metres

1000 Curva de nível
Gradient

Fronteira
Border

Estrada
Road

Caminho-de-ferro
Railway-line

● Capital do País / Outra localidade
● Capital city/ Other locality

KISAMA Região

Sítios/ Sites
 Refúgio
 Refuges
 Embarque/Desembarque/Trânsito
 Loading /Unloading / Transporting

	Religioso Religious
	Produção Production
	Revolta/Resistência Revolt / Resistance
(MocMab)	Topônimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)

	Depósito de Escravos/ Holding bays for slave
	Feira/Mercado Fair / Markets
	Festas/ Rituals Celebrations/ Rituals
	Cemitério Cemetery
	Cantina

Monumentos classificados
Classified Monuments

LEGENDA/KEY

- Fortaleza
Fortress
- Igreja/Capela/Batismo
Church/Chapel/Baptism
- Mesquita
Mosque
- Palacetes/cobrado
Mansion / Plantation owner's house
- Hospital
Hospital
- Construções (casas com
alfândegas)
Buildings (stores, warehouse)
- Museus da escravidão
Slavery Museums

Objectos Diversos
Various Obiets

Classificados, em museus
Classified in Museums
Identificados, em depósito
Identified, stored
Recolhidos, por classificar
Collected, to be classified
Barco naufragado
Shipwrecked vessel
Outros Sítios
Other Sites
Árvores/Bosques
Trees/Woods
Memórias

Situado na costa sul-oriental de África, Moçambique, cujas fronteiras actuais começam a ser definidas nos finais do século XIX, possui uma área de cerca de 780.000 km² que se estende ao longo do Oceano Índico, desde a foz do rio Rovuma até Monte Ouro.

Com um clima tropical, mais quente e húmido nas regiões do norte, o país caracteriza-se por uma grande variedade de paisagens.

A sua posição geográfica condicionou o cruzamento das culturas e dos interesses dos povos africanos do interior - como é o caso do Reino do Monomotapa - com os Árabes, os Indianos, os Europeus, e muitos outros que sulcaram o oceano Índico.



1. Carta quinhentista da África Austral que mostra a ocupação árabe da costa do Índico e assinala o reino africano do Monomotapa. Não podendo ocupar os espaços africanos, os portugueses afirmam o seu poder através de marcas simbólicas.

A 16th-century map of Southern Africa showing the Arab occupation of the coastline bordering the Indian Ocean and the African Kingdom of Mutapa. Owing to the fact that they were unable to occupy the African territories, the Portuguese wielded their power symbolically.

Situated along the south-east coast of Africa, Mozambique's border started taking shape at the end of the 19th century. It measures about 780,000 km² and stretches along the Indian Ocean from the Rovuma river delta to Monte Ouro.

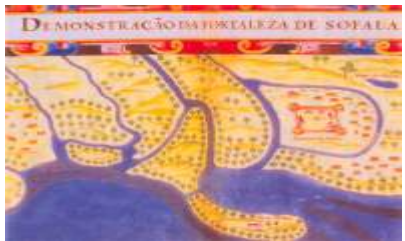
With a tropical climate that is hotter and wetter in the northern regions, the country is characterised by a large variety of different landscapes.

The geographical locality of the country led it to become the meeting place of cultures and interests where the inland African peoples – such as in the Kingdom of Mutapa - encountered Arabs, Indians, Europeans and many other people hailing from across the Indian Ocean.



2. Sofala nos finais do século XVI, imaginada pelos desenhadores europeus, segundo o modelo gráfico da época.

Sofala at the end of the 16th century, as imagined by European artists in conformity with the graphic model of the time.



3. A cidade de Sofala representada como «a chave» dos rios que permitem a penetração do continente.

The city of Sofala represented as if it were "the key" to the rivers, thus allowing the continent's inland areas to be reached.



4. Aldeia africana. A mangueira, oriunda da Índia, assinala a mestiçagem da natureza resultante das relações seculares com o Oriente.

African village. The mango tree indicates the mixture or miscegenation in nature as a result of centuries-old trade with the Orient.

A expansão árabe/islâmica na costa oriental de África e nas ilhas próximas propiciou a criação de feitorias comerciais de Zanzibar até à região de Sofala, destinadas a organizar o comércio do ouro proveniente do interior. O comércio de escravos e a sua exportação para o Oriente era já um fenómeno antigo que tinha levado à criação de redes comerciais internas polarizadas no litoral.

The Arab/Islamic expansion along the east coast of Africa and the nearby islands led to a line of trading posts being set up that stretched from Zanzibar to the Sofala region. They aimed at organising trade based on the gold that came from the hinterlands. The slave trade and slave shipment to the Orient was already a well-established business that had seen the rise of inland trading networks settled mainly along the coast.



5. Povoação de Mazaro nas margens do rio Zambeze. A imagem mostra uma cena africana, com as casas, a natureza e a presença das mulheres vestidas, que posam para a fotografia.

The village of Mazaro on the banks of the Zambezi River. The photograph shows an African scene with houses, nature and clothed women posing for the camera.



6. 7. Mesquita de Lourenço Marques e Igreja de Inhambane. A igreja tal como a mesquita assegura a escravização dos africanos.

The Lourenço Marques Mosque and the Church in Inhambane. Like the mosque, the church ensured the Africans' enslavement.



8. A cidade de Lourenço Marques. Apesar da fragilidade urbanística e arquitectónica, os materiais, as técnicas, as formas, os volumes das construções revelam a marca urbana europeia associada a elementos provenientes das culturas do Índico.

The city of Lourenço Marques. Despite weaknesses in its urban planning and architecture, the building materials, techniques, shapes and sizes clearly reveal a European urban influence allied with elements from cultures coming from across the Indian Ocean.

Nos fins do século XVI os portugueses, instalados na ilha de Moçambique onde recebiam mercadorias vindas da Índia e coordenavam o movimento marítimo e comercial, visitavam e comercializavam com regularidade nos portos do sul, em particular Inhambane.

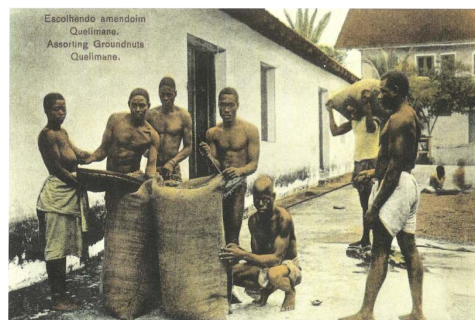
Mas foi o Vale do Zambeze com as vilas de Sena e de Tete que constituiu a região mais procurada pelos portugueses, onde desenvolveram um comércio activo - que, de forma crescente, se foi centrando no escravo - servido pelo porto de Quelimane.



9. Vila portuguesa de Sena, sobre o Zambeze.
The Portuguese town of Sena overlooking the Zambezi.



11. Mulheres escravas no Zumbo, Zambeze interior, à espera de ser conduzidas para os portos, e exportadas.
Female slaves in Zumbo, inland Zambezi, waiting to be shipped out.



13. Trabalhadores ensacando e transportando o amendoim, em Quelimane. Fotografia do início do século XX que dá conta da «continuidade escravagista» que marcou o trabalho africano no tempo colonial.
Workers bagging and loading groundnuts in Quelimane. The photograph was taken at the beginning of the 20th century and shows that «slavery persisted», thus characterising African labour during the colonial era.

At the end of the 16th century, the Portuguese, who had settled on Mozambique Island, received merchandise coming from India. They also oversaw the sea-going traffic and commercial trade, visited the southern ports frequently, in particular Inhambane, and did trading there. However, it was the Zambezi Valley with the towns of Sena and Tete that were mostly sought-after by the Portuguese. In being served by the port at Quelimane, they developed a brisk trade there which increasingly centred on the slave trade.



10. Porto de Quelimane onde os africanos se cruzam com a modernidade.
Quelimane Port where Africans come into contact with modernity.



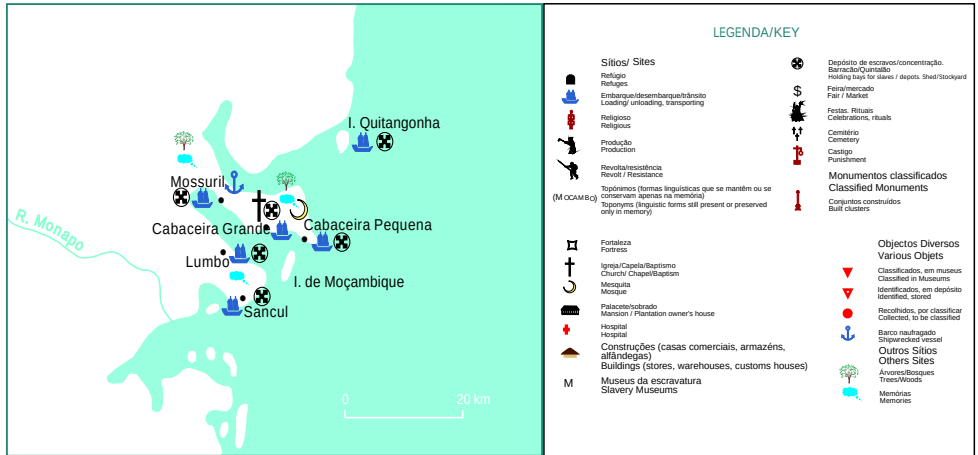
12. Mercado de escravos em Zanzibar, em 1872, onde comerciantes de diferentes regiões vinham comprar e vender escravos.
The Zanzibar Slave Market in 1872 where the traders coming from different regions bought and sold slaves.



14. O Dia Internacional da Abolição da Escravatura é comemorado no Mussoril, através de representações teatrais que atraem a população local.
International Day for the Abolition of Slavery is commemorated here in Mussoril with theatrical performances that attract the local population.

Norte de Moçambique

Northern Mozambique



No século XVII, na costa norte de Moçambique, de Moma às ilhas Quirimbas, sob forte influência árabe consubstanciada nas mesquitas, continuava a praticar-se o comércio de escravos controlado pelos chefes muçulmanos. A partir do século seguinte assiste-se à multiplicação de entrepostos escravagistas árabes e europeus, onde se traficavam escravos para as plantações francesas de cana-de-açúcar e de café das ilhas Mascarenhas e também para o Brasil, Cuba, e a América do Norte. Esta exportação



15. Grilhetta de Nhangau.
Ball and chain at Nhangau. Beira, 1950

crescente era alimentada pelas redes internas escravagistas as quais permanecem, ainda hoje, mal conhecidas. Quelimane, Angoche, Inhambane, ilha do Ibo e as ilhas Quirimbas eram, no século XVIII, os principais portos exportadores de escravos, trocados por alimentos, armas de fogo, pólvora e patacas espanholas. Até às primeiras décadas do século XX o comércio clandestino de escravos manteve grande dinamismo e as formas encapotadas – serviçais para São Tomé, trabalhadores “contratados” para as plantações francesas do Índico ou, para as minas da Rodésia e da África do Sul – multiplicaram-se dando um novo fôlego à violência e à exploração dos homens.



16. Caravana de escravos dirigindo-se para Tete. A gravura mostra a violência dos instrumentos destinados a impedir a liberdade dos homens, das mulheres e das crianças africanas
Caravans of slaves heading for Tete. The engraving shows the violent nature of the tools used for robbing African men, women and children of their freedom.

In the 17th century, the northern coast of Mozambique from Moma to the Quirimba islands was heavily influenced by the Arabs, as witnessed in the mosques located there, and the slave trade continued to flourish under the control of Muslim chiefs. As from the following century, the number of Arab and European slave-trading posts mushroomed. Slaves were trafficked and sent to the French sugar-cane and coffee plantations on the Mascarenha Islands as well as to Brazil, Cuba and North America. The step-up in trade was fed by inland

slave-trading networks, about which very little is known even today.

In the 18th century, Quelimane, Angoche, Inhambane, Ibo Island and the Quirimba Islands were the main ports exporting slaves in exchange for food, fire arms, gun powder and Spanish silver coins patacas.

Up to the first decade of the 20th century, the underground slave trade was still very active and was carried out under disguise, greatly increasing the amount of indentured labour to São Tomé, the forced-labour contracts of the “engagés” going to the French plantations in the Indian Ocean or to the mines in Rhodesia and South Africa – thus endowing the violence against men and their exploitation with a new burst of energy.



17. Os escravos enfraquecidos pela fome, incapazes de prosseguir viagem, são abandonados no mato onde serão vítimas preferenciais dos necrófagos.
Slaves weakened by hunger and incapable of withstanding the journey were abandoned in the wilderness where they would become the prey of carrion-eating animals.

Árabes primeiro, portugueses depois, edificaram fortalezas, mesquitas e igrejas para assegurar o poder militar simbólico, como se o facto religioso fosse indispensável à manipulação comercial dos homens.

Like the Arabs before them with their mosques, the Portuguese built fortresses and churches in order to ensure their military and symbolic might, as if the religious component were indispensable for the commercial exploitation of men.



18. Mesquita da Cabaceira Pequena.
The Cabaceira Pequena Mosque.



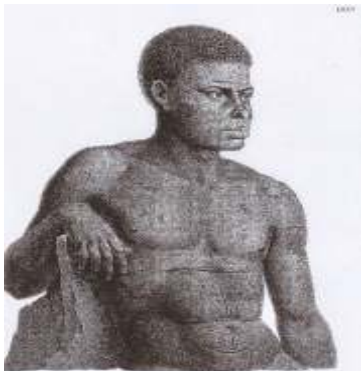
19. Igreja da Cabaceira Grande (século XVI).
Cabaceira Grande Church (16th century).



20. Ruínas do Forte de Carinde em Tete: instalado na margem do rio para assegurar a protecção do comércio português do interior.
The ruined fort of Carinde in Tete: built on the river banks to afford the protection of inland Portuguese trade.



21. Fortaleza de São João Baptista, na Ilha do Ibo. Fortalezas e Igrejas asseguram os dois pilares que sustentam o sistema português de tráfico negroeiro.
The St. John the Baptist Fortress on Ibo Island. Fortresses and churches provided the two pillars holding up the Portuguese system of slave trading.



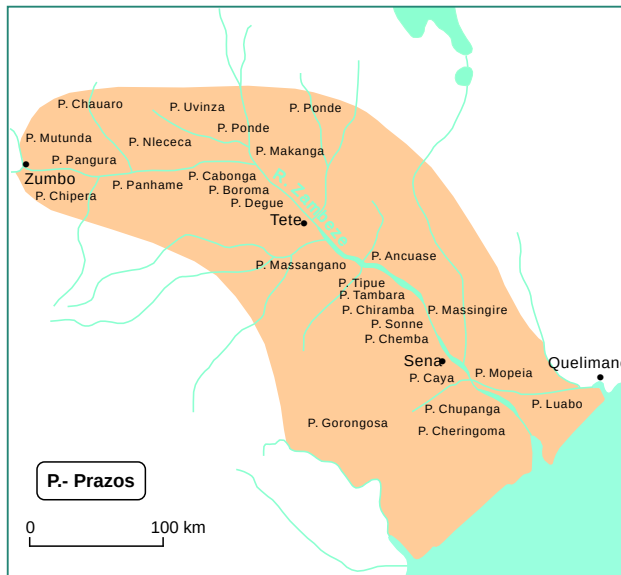
22. Escravo da Ilha da Reunião, oriundo da costa de Moçambique.
Slave coming from the Mozambican coast pictured on Reunion Island.



23. Caravana de escravos tardia, 1902. A operação mostra a persistência das práticas escravocratas, apesar das medidas legislativas que as proibiam.
Later slave caravan, 1902. The activity demonstrated that slavery continued to thrive in Mozambique despite the many laws and measures forbidding it.

Os Portugueses criaram, no século XVII, no Vale do Zambeze, uma forma inédita de propriedade fundiária, os «prazos da coroa», que tinha como objectivo a ocupação, utilização e exploração das terras africanas. Situações quase sempre nas proximidades de cursos de água – vias naturais de exportação para o litoral -, estas instalações que se consagravam a uma agricultura industrial, utilizando mão-de-obra escrava africana, constituíram até ao início do século XX espaços organizados, fortemente mestiçados. Os prazeiros oitocentistas aliados aos traficantes brasileiros e franceses instalados em Quelimane tornaram-se também activos exportadores de escravos, muitas vezes vendendo tanto homens livres como escravos que trabalhavam nos seus prazos.

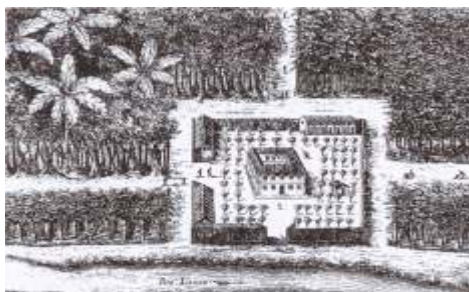
In the 17th century, the Portuguese established a hitherto new form of landed estate in the Zambezi Valley. These crown emphyteuses (Prazos) had the aim of occupying, using and exploiting African lands. They were nearly always situated beside a water course – the natural roadway for transporting merchandise to the coast - and their facilities were based on agro-industrial activity using African slaves as their manpower. Until the beginning of the 20th century, they were strictly organised compounds that largely depended upon miscegenation. The 19th century estate owners worked hand-in-hand with the Brazilian and French slave-traders dealing in Quelimane and they themselves became active exporters of slaves, often buying/selling both free-men as well as slaves to work on their landed estates.



Prazos do Vale do Zambeze entre os séculos XVII e XX, segundo M. Newitt. Instalados no interior, junto às margens dos rios, os Prazos eram instalações complexas que asseguraram uma nova organização fundiária, comercial e económica, - distribuição de terras, inovação das tarefas agrícolas, introdução de plantas de monocultura, modificação de ecossistemas - destinada à exportação e aos mercados internacionais.

The Prazos or Emphyteuses (royal rights granting long or inheritable leases of estates or property) in the Zambezi Valley between the 17th-20th centuries according to M. Newitt.

The Prazos brought in a new, original kind of commercial and economic venture based on land distribution, new farming techniques, a single cash-crop and changing the ecosystems to suit, where the crop was exported and distributed on the international markets.



24. Prazo Quane do Marral, situado na região de Quelimane (1888). Os prazos instalam na paisagem moçambicana estruturas de carácter urbano e uma natureza disciplinada. A produção agrícola mobiliza milhares de trabalhadores com estatuto idêntico ao dos escravos, que desempenharam as duras tarefas impostas pela agricultura de plantação.

The Quane do Marral Estate (Prazo) situated in the region of Quelimane (1888). These emphyteuses set up disciplined urban types of settlements in the Mozambican landscape. Farm production needed thousands of workers whose status was identical to that of slaves. They carried out the most back-breaking jobs in tending to the plantation.

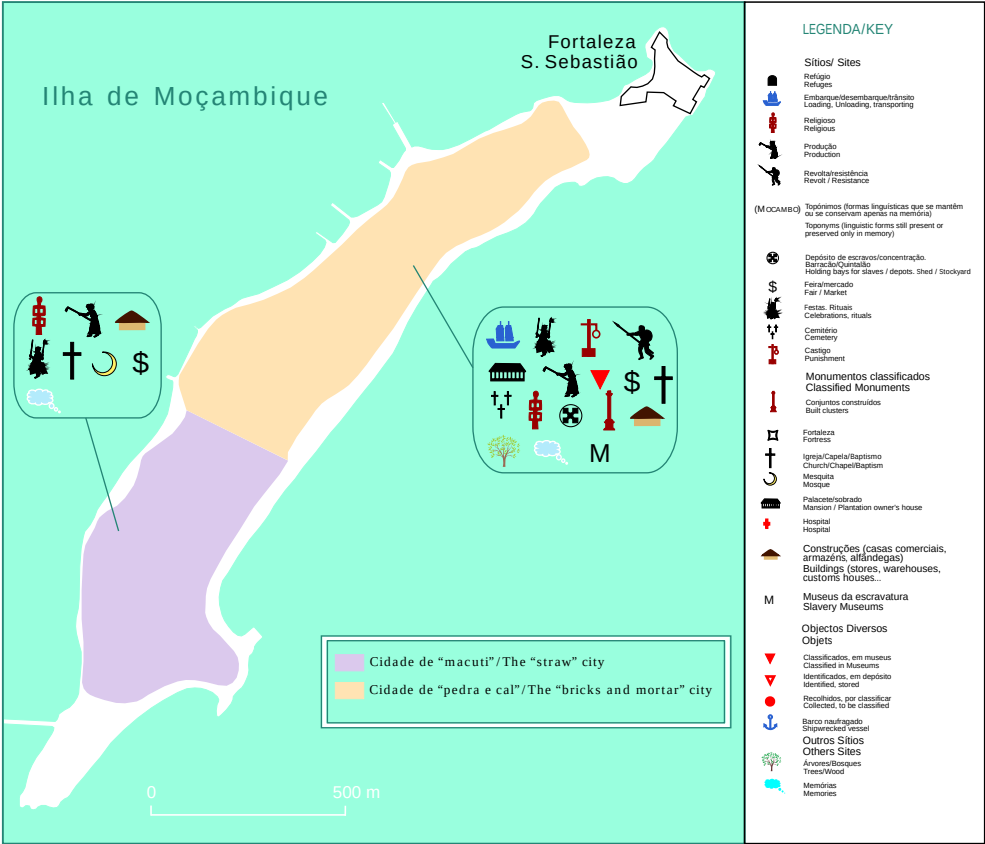


25. Prazo Mahindo. Distrito de Quelimane. Nesta "Fazenda agrícola industrial" de Correia Carvalho, a modificação do ecossistema é evidente e sublinha, por isso, de maneira mais lata, a importância dos prazos, na medida em que estes se organizam em função das regras do capitalismo, dependente da economia-mundo.

The Mahindo Prazo or Estate in the Quelimane district. The changes made in the ecosystem on this farming and industrial estate belonging to Correia Carvalho, are evident. The underlying importance of these Prazos therefore cannot be underestimated as they were organised according to capitalist rules and dependent on the world economy.

Iha de Moçambique

Mozambique Island



A ilha de Moçambique, hoje património da Humanidade, situada a 3 km do litoral, ofereceu sempre uma instalação eficaz aos grupos que procuraram drenar as ricas produções do continente – ouro, marfim, escravos – em troca de mercadorias vindas do exterior.

Mozambique Island, which is part of humankind's heritage today, is situated 3 km off the coastline. It has always offered efficient facilities to interest bent on draining off the continent's rich resources – gold, ivory and slaves – in exchange for goods coming from overseas.

Centro da administração portuguesa na região, entre os séculos XVII e XX, a Ilha estava dividida em duas zonas: a cidade de pedra e cal e a cidade dos africanos, cidade de terra – “macuti”. Em ambas, mas, sobretudo na cidade de pedra e cal onde comerciantes europeus, baneanes e árabes mantinham os seus palacetes, os seus escravos e os seus negócios, encontram-se lugares de memória – fortalezas, igrejas, armazéns de escravos, locais de refúgio e de revolta, casas de negreiros – que, de forma directa ou indirecta, tangível ou intangível, na tradição oral ou nos documentos escritos, não permitem esquecer a violência da escravatura e do tráfico negreiro em Moçambique.

Between the 17th and the 20th centuries, the Island which used to be the Portuguese administrative centre in the region, was divided into two zones: the bricks and mortar city and the African city, made of macuti (straw from coconut and palm fronds) and mud. In both of them, although mainly in the bricks and mortar city where European, Indian or Arab merchants had their manor houses, their slaves and their businesses, sites of memory may be found – fortresses, churches, slave stockades, places where slaves revolted or where they sought refuge and the slaver traders' houses. Directly or indirectly, tangibly or intangibly, in oral tradition or in written documents, the violence of slavery and the slave trade in Mozambique is not allowed to be forgotten or pushed aside.



26. A Cidade de pedra e cal foi construída graças ao trabalho dos escravos.
The bricks and mortar city was built on slave-labour.



27. Vista do interior da cidade de pedra e cal. Os terraços que substituem os telhados são a marca de uma arquitectura árabe adoptada pelos Portugueses.
Interior view of the bricks and mortar city. The terraces replacing the roofs are signs of Arabic architecture adopted by the Portuguese.



28. A madeira, a argila e as folhas de palmeira, ou de coqueiro, são os materiais preferenciais da cidade africana, macuti, da Ilha de Moçambique.
Wood, clay and palm or coconut fronds called macuti were the preferential building materials in the African city on Mozambique Island.



29. Capela de Nossa Senhora do Baluarte, erigida em 1522. Monumento religioso de estrutura oriental mas, traduzindo a nostalgia ocidental.
The Chapel of Our Lady of the Bulwark, built in 1522. It has some oriental influences in its architecture although it exudes a certain Western nostalgia.



30. O interior da Fortaleza de São Sebastião mostra as construções portuguesas presentes em todos os edifícios desta natureza.
The St. Sebastian Fortress interior shows that all the buildings of this nature displayed a Portuguese influence.

31. O Palácio de São Paulo: janelas, escadarias, figuras simbólicas, recurso ao ferro, sublinham a vontade de afastar esta construção oficial das regras e dos materiais africanos.

St. Paul's Palace: its windows, staircases and the symbolic bronze statues stress the fact that African designs and materials were not wanted for official buildings.



Os lugares de memória deste longo processo escravagista são visíveis e permanecem na história das populações.



32. Se nos nossos dias a cidade branca morreu, a cidade africana inventou novas razões de viver, integrou práticas e mercadorias inovadoras, a feira continuando a ser a encruzilhada das culturas.

If the white city has died, the African city has invented new reasons for living; the market-fair which continues to be held here is the site of cultures coming together.

The places of memory throughout the entire lengthy process of slavery are visible and enduring in the history of these peoples.



33. 34 Junto ao Cais da Ilha de Moçambique, o Jardim da Memória homenageia, hoje, os homens, mulheres e crianças escravizados e dali exportados como mercadorias para as sociedades do Índico e para as Américas.

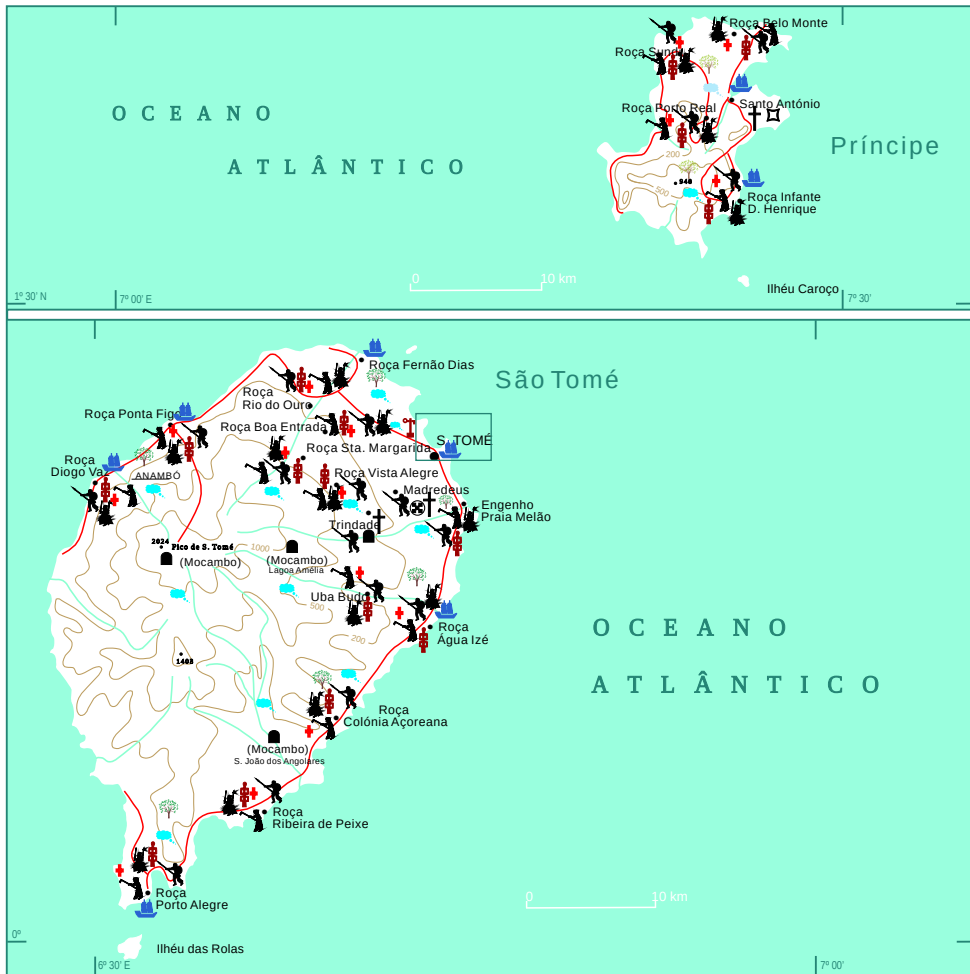
Mozambique Island Quay and The Garden of Memory pays tribute the men, women and children who were enslaved and shipped off either to the Indian Ocean countries or to the Americas.



35. Barco de navegação costeira entre a Ilha de Moçambique e o Mussoril, no continente. O Índico é o cadinho da história da Ilha de Moçambique, o mar que assegura a vida das populações, mas também o lugar da violência do tráfico negroeiro.

A coastal dhow sailing between Mozambique Island and Mussoril on the mainland. The Indian Ocean is the crucible of Mozambique Island's history; the sea ensures the people's livelihood but it is also the site of the violent slave trade.

Arquipélago de São Tomé e Príncipe
São Tomé and Príncipe Archipelago



KISAMA Região

LEGENDA/KEY

	Sítios/ Sites		Depósito de Escravos/Concentração: Banca/de Quilombo		Fortaleza Fortress		Objetos Diversos Various Objects
	Refúgio Refuges		Feira/ Mercado Fair / Market		Igreja/ Capela/ Baptismo Church/Capela/Baptism		Classificados, em museus Identified, in museums
	Embarque/Desembarque/Trânsito Loading / Unloading / Transferring		Festas/ Rituais Celebrations/ Rituals		Palacetes/Quilombo Mansion / Plantation owner's house		Resultados, por classificar Collected, to be stored
	Religioso Religious		Cemitério Cemetery		Hospital Hospital		Barco resgatado Shipwrecked vessel
	Produção Production		Castigo Punishment		Construções (casas comerciais, armazéns, alpendres) Buildings (stores, warehouses, customs houses)		Outros Sítios Other Sites
	Revolta/Resistência Revolt / Resistance		Monumentos classificados Classified Monuments		Museus da escravidão Slavery Museums		Árvores-identificadas Trees/Woods
	Traduções: formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória Translations: linguistic forms still present or preserved only in memory		Conjuntos construídos Built clusters				Momentos Memories

O achamento do arquipélago de São Tomé e Príncipe, no Golfo da Guiné, situa-se em 1471-72 no quadro das viagens portuguesas de reconhecimento da costa ocidental africana. A ilha de São Tomé, cuja extremidade sul se localiza sobre o Equador mede 52 km de comprimento e 34 km de largura tendo uma área de 929 km². A ilha do Príncipe, situada a 135 km² a norte de São Tomé, distando 200 km da costa africana, apresenta uma superfície de 114 km².

De formação vulcânica, como todas as ilhas desta região atlântica, o arquipélago apresenta um relevo acidentado, caracterizado pela presença de picos, o mais importante dos quais de 2.142 metros de altitude, se encontra na ilha de São Tomé.



1. O Pico de São Tomé, considerado o lugar de refúgio dos escravos, segundo a tradição oral.

The São Tomé Peak, a place where according to folklore, slaves used to hide.



3. São João dos Angolares. Uma das estruturas sociais mais antigas de São Tomé, que se pode considerar como o símbolo da resistência africana a todas as formas de dominação europeia.

St. John of the Angolares. One of the oldest communities in São Tomé which may be considered a symbol of African resistance against all kinds of European resistance.

Desabitadas aquando da chegada dos Portugueses, as ilhas – de clima equatorial – caracterizam-se por uma importante rede hidrográfica, as “águas”, e por vegetação densa e variada.

Fiéis à sua estratégia de colonizar e tornar rendíveis os novos espaços, os portugueses e os europeus a eles associados, procuram desde o início organizar a exploração do arquipélago. Tal projecto impôs a criação não só de uma população, mas também de uma sociedade. A sua complexa história ficou marcada pela importação de alguns africanos livres nos primórdios da colonização, por africanos escravos, bem como plantas capazes de assegurar o funcionamento de estruturas económicas geradoras de lucros: a cana-de-açúcar do século XVI dá lugar, nos séculos XVII e XVIII, a um intenso comércio negreiro, substituído no século XIX pelas plantações de café e de cacau, que garantiram a riqueza dos colonos portugueses instalados no arquipélago até meados do século XX.

The Archipelago of São Tomé and Príncipe in the Gulf of Guinea was found in 1471-72 during the Portuguese reconnaissance voyages along the West-African coastline. The Island of São Tomé, whose southern-most tip is right on the Equator, has an area of 929 km². Príncipe Island situated 135 km² to the north of São Tomé, is only 200 km from the African coast and has an area of 114 km². They are composed of a volcanic formation similar to all the islands in this area of the Atlantic Ocean and the archipelago has an irregular relief characterised by mountain peaks, the most important of which is almost 2,142 metres high and is found on island of São Tomé.



2. A cidade de Santo António e a vegetação exuberante da ilha do Príncipe, no século XX.

The city of Santo António and the luxuriant vegetation on Príncipe island in the 20th century.



4. Habitação Tradicional no Ilhéu das Rolas. Se a cobertura é feita de folhas de palmeira, as janelas e o reboco branco mostram que os materiais europeus também foram usados.

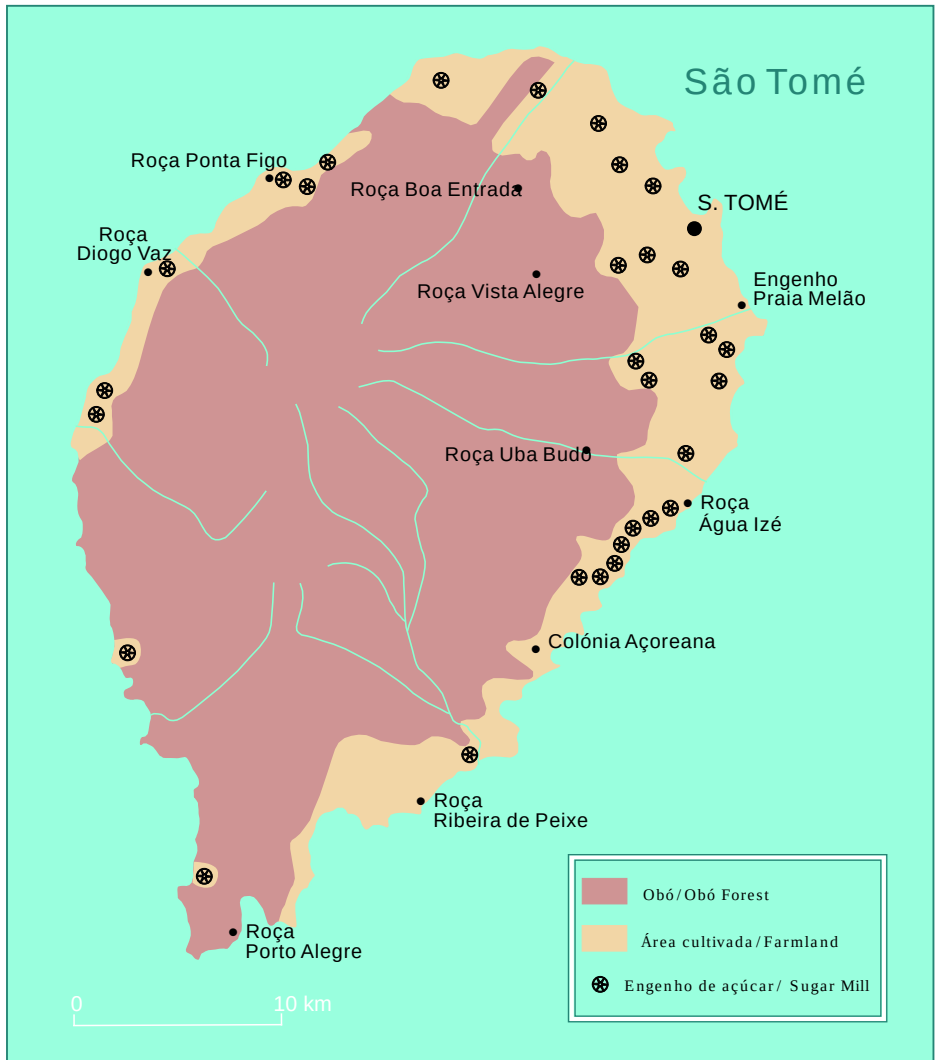
A traditional house on Ilhéu das Rolas. If the roof is made of palm fronds, the window and the whitewash show that European materials were also used.

The islands, which have an equatorial climate, were not inhabited when the Portuguese arrived. They have an important network of waterways - the “waters” (águas) - and varied dense vegetation.

In following up their strategy to colonise and make the new land profitable, the Portuguese and the Europeans associated with them, sought to organise a way of exploiting the archipelago right from the start. Their project not only meant peopling the islands but also forming a society. Its complex history was influenced by bringing in a few free Africans in the early colonial days, followed by African as well, crops able to ensure the workings of economic enterprises capable of generating profit: the sugar cane of the 16th century gave way to intense slave trading between the 17th and 18th centuries. This was replaced by the cocoa and coffee plantations in the 19th century, thus guaranteeing the wealth of the Portuguese colonists who had installed themselves on the archipelago until the middle of the 20th century.

Engenhos de São Tomé no século XVI

Sugar Mills in São Tomé in the 16th century



Mapa adaptado de Francisco Tenreiro (1961).

As roças indicadas constituem referências locais.

Map adapted from Francisco Tenreiro (1961).

The plantations shown refer to their localities.

O arquipélago de São Tomé e Príncipe, tal como a ilha de Santiago de Cabo Verde, forneceu o modelo da criação de sociedades fruto da imaginação, da energia e da associação entre africanos e portugueses.

O "Engenho" designava um conjunto edificado complexo constituído pelas várias construções organizadas em torno de um moinho de açúcar e destinadas às diferentes fases da produção, pelas habitações do proprietário, dos mestres do açúcar e de outro pessoal técnico ligado ao sistema produtivo, pelas casas dos escravos rodeadas por pequenas hortas e situadas na orla da floresta e, ainda, pelas plantações da cana-de-açúcar.

A cultura da cana sacarina e a produção do açúcar constituíram a primeira forma de exploração económica do arquipélago. Em meados do século XVI, o número de "engenhos" aumentara vertiginosamente e o açúcar do arquipélago, de São Tomé em particular, bem cotado nos mercados europeus para onde era exportado, atraía numerosos comerciantes e capitais europeus.

The Archipelago of São Tomé and Príncipe, similar to the island of Santiago in the Cape Verde archipelago, supplied the model for setting up societies that were fruit of the imagination, the energy and the association between the Portuguese and the Africans.

The mill known as the Engenho involved a complex structure composed of various buildings that were organised around the sugar-cane mill and geared to several stages of production. The facilities included the owner's residence, the quarters housing the foremen and other technical personnel connected with the sugar production as well as the slave quarters surrounded by small vegetable patches located on the fringes of the forest. The Engenho also included the sugar cane fields.

Growing sugar cane and producing sugar was the first kind of economic activity on the archipelago. In the mid-16th century, the number of Engenhos mushroomed and the sugar, which was highly quoted on the European markets in the places it was exported to, attracted numerous European traders and capital investments.



5. A cana-de-açúcar.
Sugar cane.



6. Ruínas do Engenho da Praia Melão (século XVI).
Ruined sugar cane mill – Engenho - at Praia Melão (16th century).



7. Ruínas do fortim de São Jerónimo, na ilha de São Tomé.
The ruined St. Jeronimus fort on São Tomé Island.



8. A Fortaleza de São Sebastião, na cidade de São Tomé, símbolo do poder português seiscentista (1575).
The St. Sebastian Fortress in the city of São Tomé. It was a symbol of 16th-century Portuguese power (1575).

No entanto, a humidade do arquipélago contrariou estas operações produtivas, vítimas igualmente das revoltas dos escravos africanos que, instalando-se no quase inacessível interior das ilhas – graças à densidade da vegetação – asseguraram o seu processo de africanização. Perante isto os colonos preferiram partir e instalar-se no Brasil.

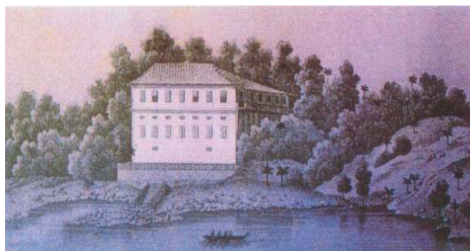
Daí decorreu o vazio populacional e de capitais no arquipélago: este torna-se, então, uma plataforma indispensável à matalotagem dos navios em trânsito, e, também num local seguro – um armazém – para concentrar e guardar escravos vindos do continente africano e destinados às Américas.

However, the damp climate on the archipelago hampered production and the mills also fell victim to revolts organised by the African slaves. The slaves were located in the almost inaccessible hinterlands of the islands – and thanks to the dense vegetation – it ensured their on-going Africanisation. Faced with this situation the colonists preferred to leave and set themselves up anew in Brazil. From then on, there was a decline in the population and capital investment: it therefore became an indispensable half-way house for supplying provisions to passing ships and also for providing a safe place – as a warehouse – in which to stockpile slaves coming from the African continent on their way to the Americas.



9. Igreja de Madre de Deus, que a tradição oral fixou como o local onde Amador, escravo fugido de engenho, tornado rei dos Angolares, reuniu os seus homens para atacar o poder escravagista, nos finais do século XVI.

The Mother of God Church that folklore said was the place in which Amador, the run-away slave from the sugar mills, became the king of the Angolares, gathering up his men to attack the slave-trading powers at the end of the 16th century.



10. Palacete pertencente a Maria Correia, mestiça da ilha do Príncipe, considerada pela tradição, oral e escrita, como a organizadora do tráfico negreiro nesta ilha.

A manor house belonging to Maria Correia, a mestizo woman from Príncipe Island. As oral tradition and written evidence would have it, she was considered to be behind the slave trade on this island.



11. Capela no Ilhéu das Rolas. O Catolicismo construiu pequenos e grandes monumentos no arquipélago sem recorrer a formas e materiais africanos.

The Chapel on Ilhéu das Rolas. Catholicism built small and large monuments on the Archipelago but never managed to do away with African forms of worship.



12. Rua principal da cidade de Santo António da Ilha do Príncipe. Esta gravura de 1869 põe em evidência a longa presença portuguesa, através da arquitectura, da organização do espaço urbano e da proliferação das igrejas católicas.

The main street in the city of Santo António on Príncipe Island. The engraving, made in 1869, shows the lengthy presence of the Portuguese mirrored in the architecture, the way the urban space is organised and the proliferation of Roman Catholic churches.

Se São Tomé e Príncipe foi, durante séculos, um entreposto de escravos, a alteração definitiva desta condição verificou-se em consequência das novas técnicas agrícolas desenvolvidas no Brasil. A importação de café e de cacau permitiram, nos inícios do século XIX a revitalização da economia, e a reorganização da propriedade fundiária, obrigando à importação de escravos ou de trabalhadores "livres", chamados serviçais, contratados transportados de Angola, de Cabo Verde e de outros lugares do Império. Multiplicaram-se as roças: estas eram grandes plantações de monoculturas industriais de onde os trabalhadores não podiam sair sem uma declaração escrita de um contramestre, e cuja estrutura geral não deixava de invocar os engenhos e os seus escravos do século XVI.



For centuries, São Tomé was a slave depot. The final change in this situation came as a result of the new farming techniques used in Brazil. Importing cocoa and coffee at the start of the 19th century, breathed new life into the economy and demanded that São Tomé's plantations undergo major change. This called for slave labour or "free" men working as indented labour brought in from Angola, the Cape Verde islands and other parts of the Empire.

The number of plantations, called roças, grew rapidly: they involved large, cash-crop farms cultivating on an industrial scale where the workers were not allowed to leave without the written consent of the foreman. The general system of the plantation recalled the 16th century sugar mills and their slaves.



13. 14. Imagem da Roça do Rio do Ouro (à esquerda) cuja designação simboliza a riqueza proporcionada pela monocultura do cacau, que mostra o complexo arquitectónico destinado aos roceiros, aos técnicos e às tarefas de produção. A fotografia da Roça Paciência na Ilha do Príncipe (à direita) põe em evidência o duro trabalho dos serviçais - homens e mulheres vigiados pelos capatazes - nas plantações de cacau.

The picture (on the left) shows the plantation Roça Rio do Ouro. Its name symbolises the wealth brought in by the cash-crop, cocoa, and depicts the building complex housing the plantation owners, the personnel and the means of production. The photograph (on the right) is of the Roça Paciência on Príncipe Island. It shows how hard the indented labourers worked - men and women were closely guarded by the overseers on the cocoa plantations.



15. A «ficção» do salário e do «contrato» dos serviçais. Imagem do pagamento dos serviçais numa roça de São Tomé, que põe em evidência a regularidade da operação transformada num ritual a que estavam habituados estes trabalhadores. «Contratados» nos seus territórios do origem, os serviçais recebiam apenas 50% do salário em São Tomé, sendo a segunda metade paga no fim do tempo do «contrato», quando se verificasse o seu regresso... o que normalmente nunca chegava a acontecer!

The «fiction» of earning wages and the so-called indented labour «contracts». The photograph shows payday on a São Tomean plantation and reveals how this regularly staged event had turned into a ritual that the workers were quite used to. After having been indentured in their own countries, these workers received only 50% of their earnings in São Tomé. The other half was supposed to be paid back home when they eventually returned... which hardly ever happened!

Com o desenvolvimento das roças, o arquipélago tornou-se, pela segunda vez na história do arquipélago, uma fonte de enriquecimento tão rápida quanto excepcional. Com uma diferença: a população local, os “filhos da terra” expulsos das suas terras pelas roças, decidiram recusar-se a trabalhar para os proprietários brancos, obrigando estes, com o apoio do Estado colonial, à importação maciça de trabalhadores. Encontramos aqui os dois ingredientes fundamentais da situação moderna do arquipélago: culturas extremamente rendíveis, mas exigindo uma força de trabalho que era necessário importar.

Tal situação conduziu à reorganização da escravatura, qualquer que tenha sido a etiqueta utilizada pelos proprietários e pelas autoridades portuguesas. A força de trabalho foi, durante os séculos XIX e XX, recrutada em Angola, em Moçambique e, também, em Cabo Verde. Apenas a Guiné-Bissau consegue reduzir o contingente de trabalhadores fornecidos aos roceiros.

A distribuição da terra põe em evidência a extrema “branqueação” do território, ficando os africanos confinados a pequenas propriedades, os *quintês*, conhecidas de forma pejorativa como “roças de forros”. Tal situação conduziu a numerosas revoltas, duramente reprimidas pelo poder colonial.



As the plantations grew, so the archipelago became a source for an exceptional and unusually fast accumulation of wealth for the second time. There was a difference though: the local population, the “sons of the earth” who had been expelled from their own lands by the new plantation bosses, decided to refuse to work for the white masters. They hence forced the plantation owners to seek the assistance of the colonial State so as to import workers on a large scale. Two basic ingredients are found to explain the modernity of the situation on the archipelago: extremely profitable crops demanding a large labour force that was necessary to bring in.

This state of affairs led to slavery being organised in another way so that the label could be used by the plantation owners and the Portuguese authorities without creating a stir. During the 19th and 20th century, the indented labour force was recruited from Angola, Mozambique and also from Cape Verde. Only Guinea-Bissau managed to reduce the number of workers supplied to the plantation owners.

*The way the territory was divided up reveals the marked “whitening” of the country where the Africans were confined to small holdings – the *quintês* – which were derogatively known as “ex-slave farms”. This situation led to numerous revolts that were severely repressed by the colonial power.*



16. 17. Roça Água-Izé em São Tomé e Roça Sundi na Ilha do Príncipe, em 1999. A densidade das construções destinadas aos trabalhadores dão conta da forma concentrada com a qual os serviços, afastados do centro da roça, para maior controle dos roceiros. Hoje o despovoamento destes espaços parece assinalar a morte de um sistema de exploração da terra e dos homens que começara a estruturar-se no século XVI. *Roça Água-Izé on São Tomé Island and Roça Sundi on Príncipe Island, photographed in 1999. The density of the buildings housing the plantation workers show how cramped the quarters of the indented labourers were, living away from the centre of the plantation so that the owners could control them better. Today, these empty buildings seem to symbolise the death of a form of exploiting the land and the people that had begun to take shape in the 16th century.*



18. Pé de cacau. As cápsulas avermelhadas contêm as favas para fabricar o chocolate. *The cocoa cluster. The red pods contain the beans that are used for making chocolate.*



19. As tarefas femininas tinham frequentemente lugar nos espaços fechados. Nesta imagem, vemos uma roça bem organizada, onde as mulheres, vigiadas por capatazes brancos ou mestiços, se concentram nas operações de escolha do café destinado aos coais (cestos) que transportam o produto para os armazéns. *The jobs done by the women were often located indoors. The photograph shows a well-run plantation where the women, overseen by white or mestizo foremen, are busy sorting the coffee beans into the baskets (coais) ready to be taken to the warehouses.*

Muitos são os lugares de memória da escravatura e do comércio negreiro. Monumentos, construções, árvores, lendas, crenças, mitos, formas religiosas, mas sobretudo – pelo seu carácter original – as representações teatrais, frequentemente apresentadas nos quintês, como o Tchiloli, que desde o século XVI põem em evidência as relações de força que caracterizavam a sociedade escravagista do arquipélago.

Many are the sites of memory regarding slavery and the slave trade. Monuments, buildings, trees, legends, beliefs, myths, religious forms of worship, but above all – owing to their unique character – theatre performances often played on the small holdings or quintês. Ever since the 16th century, Tchiloli performances had highlighted the power relations that characterised the archipelago's society based on slavery.



20. O batuque, quase sempre acompanhado por tambores improvisados, constitui uma forma de confraternização africana destinada a excluir os brancos.

The batuque – Africans dancing – almost always accompanied by improvised drums, was one of the Africans' ways of getting together without the presence of the Whites.



21. Esta fotografia concentra os trabalhadores «contratados» de uma roça. Trata-se de um grupo heterogêneo provindo de várias regiões africanas sob dominação portuguesa. Para além das marcas físicas que distanciam um maconde de um ovimbundu ou de um caboverdiano, também o vestuário ou os instrumentos musicais, como o kisanje dos angolanos, sublinham a origem destes serviçais.

This photograph depicts a plantation's indentured labourers. It is a heterogeneous group of people coming from different African regions under Portuguese rule. Apart from the physical traits that distinguish a Maconde from an Ovimbundu or a Cape-Verdean, the men's clothing and their musical instruments, such as the Angolan kisanji (lamellophone), stress their origins.



22. O Tchiloli assenta na representação anual de uma peça do século XVI, possivelmente importada pelos mestres do açúcar madeirenses, pois é da autoria do também madeirense Baltasar Dias. Pode entender-se a peça como um elemento ritualizado, mas ela é infinitamente mais problemática, pois salienta a violência dos choques entre os dois grupos, os brancos e os pretos, procurando estes recuperar uma autonomia simbólica graças ao recurso às máscaras brancas. A presença de pequenas esculturas reforça o carácter africano da cerimónia.

The Tchiloli folk theatre is acted out once a year and is based on a 16-century play possibly imported by the master sugar-makers from Madeira as it was written by Baltasar Dias from Madeira. The performance may be interpreted as a ritual although it is far more complicated in that it stresses the violent clash between the two groups, the Whites and the Blacks, and seeks to reinstate the symbolic autonomy of the Blacks thanks to the use of white masks. The small sculptures used in the play emphasise the ceremony's African nature.

Cidade de São Tomé
Baía Ana de Chaves
São Tomé City
Ana de Chaves Bay



LEGENDA/KEY			
Sítios/ Sites	Depósito de Escravidão/Concentração, Barracks/Quartello Holding ships for slaves / Depots, Shed / Stockyard	Fortaleza Fortress	Objectos Diversos Various Objects
Refúgio Refuges	Feira/Mercado Fair / Markets	Igreja/Capela/Batismo Church/Capel/Baptism	Classificados, em museus Classified in Museums
Embarque/Desembarque/Trânsito Loading /Unloading / Transporting	Festas/ Rituais Celebrations/ Rituals	Mesquita Mosque	Identificados, em depósito Identified, stored
Religioso Religious	Cemitério Cemetery	Palácio/Robrado Mansion / Planation owner's house	Recolhidos, por classificar Collected, to be classified
Produção Production	Castigo Punishment	Hospital Hospital	Barco naufragado Shipwrecked vessel
Revolta/Resistência Revolt / Resistance	Monumentos classificados Classified Monuments	Construções (casas comerciais, armazéns, alfândegas) Buildings (stores, warehouses, customs houses)	Outros Sítios Other Sites
(MOCAMBIC)	Conjuntos construídos Built clusters	Museus da escravatura Slavery Museums	Árvores/Bosques Trees/Woods
Topónimos (formas linguísticas que se mantêm ou se conservam apenas na memória) Toponyms (linguistic forms still present or preserved only in memory)			Memórias Memories

As cidades do arquipélago – São Tomé e Santo António do Príncipe -, lugares construídos e controlados pelos europeus, são espaços onde se acumulam as memórias de uma História marcada, ao longo dos séculos, pela escravatura legal ou dissimulada. Portos, alfândegas, fortalezas e fortins, igrejas, edifícios de natureza diversa multiplicam-se, bem como os sítios onde os “filhos da terra” ou os escravos africanos organizaram a sua resistência linguística, religiosa, social, indispensável à manutenção da sua identidade e da sua humanidade.



23. O Mercado da cidade de São Tomé associa práticas africanas, estruturas e construções de origem europeia.
African Market in the city of São Tomé is a mixture of African practices and European-derived layouts and buildings.

The cities in the Archipelago - São Tomé and Santo António in Príncipe – were built and controlled by the Europeans. They are spaces where memories have accumulated a History marked by both legal and disguised forms of slavery throughout the centuries. Ports, customs houses, forts, fortresses, churches and various kinds of buildings all add up as the sites where “the sons of the land” or the African slaves organised their linguistic, religious and social resistance that was vital for safeguarding their identity and their humanity.



24. A cidade de São Tomé no século XIX: a organização do espaço urbano, a arquitectura, os materiais, as técnicas e as formas africanas e europeias põem em evidência a natureza mestiça da Ilha.
The city of São Tomé in the 19th century: the way in which urban space, architecture, materials, techniques have been organised and the African and European ways of doing so, highlight the miscegenetic nature of the island.



25. A Igreja paroquial da cidade de Santo António do Príncipe não dissolve a presença das religiões africanas.
The parochial church in the city of Santo António in Príncipe fails to eliminate the presence of African religions.



26. Quartel, Alfândega. Residência do governador da Ilha do Príncipe: a concentração da autoridade rodeada por uma vegetação domesticada.
The Barracks, Customs House and the Governor's mansion on Príncipe Island: a cluster of authorities surrounded by domesticated vegetation.



27. Uma das ruas principais da cidade de São Tomé no início do século XX. As construções europeias, os passeios, a natureza domesticada e a rua pavimentada associam-se aos homens africanos que, tal como os escravos de outrora, carregam o peso da dominação simbolizado nas mercadorias.
One of the main streets in the city of São Tomé at the beginning of the 20th century. The European buildings, pavements, domesticated nature and the tarred road are linked to the African men in the same way that they were to the slaves of bygone days, carrying the weight of domination symbolised in the merchandise.

Créditos Fotográficos/*Picture Credits*

ANGOLA

1. 3. *Angola-Reconstrução Nacional*, Paris, Ed. DEPPI/DELROISSE, s.d.; **2.** CUNHA MORAES, José Augusto da, *Angola Occidental. Album Photographico e Descriptivo*, Lisboa, David Corazzi, 1885, vol. I.; **4. 23. 25. 27.** *Postais*. Arquivo Histórico Nacional de Angola, Luanda; **5.** *Austral*, Luanda, nº 11, 1994; **6. 8. 26. 28. 29. 30.** Postais. LOUREIRO, João, *Memórias de Angola*, Lisboa, ed. Maisimagem, 2000; **7.** Gravura do século XIX. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; **9.** Aguarela de 1851. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; **10.** Desenho aquarelado, 2ª metade do século XVIII, BNP, Lisboa; **11.** Cauri (século XVIII). Departamento de Antropologia da Universidade do Ghana in Jill Dias, *África*, Lisboa, CNCDP, 1992; **12.** Litografia, segundo um desenho de Douville (1ª metade do século XIX). Bibliothèque Nationale, Paris; **13.** Gravura anónima de 1811. Bibliothèque des Arts Décoratifs, Paris; **14.** Gravura anónima de 1811, Bibliothèque Nationale, Paris; **15. 16. 17. 19.** Museu Nacional da Escravatura, Angola; **18.** Documento de 1841. Arquivo Histórico Nacional de Angola, Luanda; **20.** Desenho de Pedro Furtado e Pedro Migueis, *Carta de Angola e Benguela*, 1776, Arquivo Histórico Militar, Lisboa; **21.** Desenho aquarelado do século XVIII, Arquivo Histórico Militar, Lisboa; **22.** Fotografia de Luísa d'Almeida; **24.** *Austral*, Luanda, nº 13, 1995; **24. 31. 32.** Fotografias de João Carlos Van-Dunem; **33.** *Angola, un país fabuloso*, Luanda, Sonangol, s.d.

CABO VERDE

1. Fotografias de Marlene Marques, 2000; **2. 12.** Fotografias cedidas por António Correia e Silva, 2001; **3. 9.10.14.** Fotografias de Everilde Silva, 1989-1993; **4. 15.** SILVA, António Correia e, *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O tempo das Cidades-Porto*, Lisboa, CNCDP, 1998; **5. 6. 8.** *Oficina dos Arqueonautas*, Ministério da Cultura, Praia, 2001; **7.** CARREIRA, António, *Panaria Caboverdiana-guineense*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1968; **11. 13. 17.** . Postais. LOUREIRO, João, *Postais Antigos de Cabo Verde*, Lisboa ed. João Loureiro e Associados, 1998; **16. 18.** *Austral*, Luanda, nº 13, 1995.

GUINÉ- BISSAU

1. 21. Fotografias de Pierre Campredon, in *Esta Terra é Nossa!* (calendário/calendrier), Bissau, Tiniguena, 2001; **2.** Fotografias de E. Ramos, in *Esta Terra é Nossa!* (calendário/calendrier), Bissau, Tiniguena, 2001; **3.** MOTA, A. Teixeira da, *Mar além Mar*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1972; **4.** Fotografia dos finais do século XIX, in Hubert Deschamps, *Histoire de la Traite des Noirs de l'Antiquité à nos jours*, Paris, Fayard, 1970; **5.** Gravura de 1814. Bibliothèque de l' Arsenal, Paris; **6.** FROGER, François, *Relation du voyage fait en 1695, 1696 et 1697 aux côtes d'Afrique*, Paris, 1698; **7.** Gravura anónima do século XVIII. Arquivo Histórico Militar, Lisboa; **8. 12. 17. 19. 20.** Postais. LOUREIRO, João, *Postais Antigos da Guiné*, Lisboa, ed. João Loureiro e Associados, 2000; **9 a 11. 13 a 16. 18..** Fotografias de Carlos Cardoso, 2001.

MOÇAMBIQUE

1. *Atlas* de Fernão Vaz Dourado, 1576, Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa; **2.** Gravura do século XVI in António Fernandes, *Tracey, Descobridor do Monomotapa*, Lourenço Marque, 1949; **3.** Desenho aquarelado do século XVIII de António de Mariz Carneiro; Biblioteca Nacional de Lisboa; **4. 29.** Fotografias de Alfredo Margarido, 1996; **5. 6. 25.** Fotografias de RUFINO, José dos Santos, *Album fotográfico e descritivo da colónia de Moçambique*, Hamburgo, 1929, 10 vols.; **7.** Gravura do século XIX, Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo; **8.** Gravura colorida do século XIX, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; **9.** Gravura do século XIX, in *O Occidente*, Lisboa, XV, 1882; **10. 13.** Postais. LOUREIRO, João e PEREIRA, José Alves, *Postais Antigos e outras memórias da Zambézia*, Lisboa, Maisimagem, s.d; **11. 12.** Gravuras do século XIX, in Richard Howard, *Black Cargo*, London, Wayland Publishers, 1972; **14. 32. 34.** Fotografias de Pedro Pereira Leite, 2012; **15.** Coleção Particular (W. Brito Dias); **16.** Gravura do século XIX de Josiah Wood Whimper in David Livingstone, *Letters 1843 to 1872*, The Brenturst Bain Press, Johannesburg, 1985; **17.** Desenho de John Baptist Zwecker in David Livingstone, Op. cit.; **18.** *Ilha de Moçambique*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983; **19. 20.** COUTO, Fernando, *Imagens de Arte Colonial*, Maputo, Ndjira, 1998; **21.** Coleção Particular (Eduardo Medeiros); **22..** Gravura de c. 1802. Coleção Particular; **23.** Fotografia de 1902. Arquivo Histórico de Moçambique, Maputo; **24.** Gravura do século XIX, in *O Occidente*, Lisboa, IV, 1881; **26.** Fotografias de Francisco José Viegas, *Oceanos*, Lisboa, CNCDP, 25, 1996; **27.** Gravura do século XIX, *Archivo Pittoresco*, Lisboa, vol. IX, 23, 1860; **28.** Fotografias de Jorge Murteira, 1996. **30. 31. 32.** Fotografias de Isabel Castro Henriques, 1996; **35.** Fotografia de Jorge Murteira, *Oceanos*, 34, 1998.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

1. Fotografias de Carlos Teixeira, 1988; **2. 13. 14. 20.** Postais. LOUREIRO, João, *Postais Antigos de São Tomé e Príncipe*, Lisboa, ed. João Loureiro e Associados, 1999; **3. 8.** *Postais*. Empresa de Correios de São Tomé e Príncipe, 1986; **4. 5. 11.** Fotografias de Isabel Castro Henriques, 1999; **6.** TENREIRO, Francisco, *A Ilha de São Tomé*, Lisboa, Junta de Investigações do Ultramar, 1961; **7.** Fotografia de Baltazar de Castro, *Oceanos*, Lisboa, CNCDP, 28, 1996; **9.** Fotografias de Gervásio Ceita, 2001; **10.** Litografia anónima do século XIX, Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; **12.** Gravura de 1868 de J. Pedrozo. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa; **15. 19. 21. 22. 27.** Fotografia do início do século XX da Divisão de Documentação Fotográfica de Instituto Português de Museus in Isabel Castro Henriques, *São Tomé e Príncipe. A Invenção de uma Sociedade*, Lisboa, VEGA, 2000; **16. 17. 18. 25.** . Fotografias de Anabela Saint-Maurice, 1999; **24. 26.** Gravuras do século XIX de J. Pedrozo. Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa.

Bibliografia/References

- ALPERS, E. A., *Ivory and Slaves in East Central Africa*, Berkeley, University of California Press, 1975.
- BARCELLOS, Cristiano José de Senna, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, Lisboa, Academia Real das Ciências, 1899-1917, 7 volumes.
- BIRMINGHAM, David, *Trade and Conflict in Angola, the Mbundu and their neighbours under the influence of the Portuguese (1493-1790)*, London, Oxford University Press, 1966.
- BOULEGUE, Jean, *Les Luso-Africains de Sénégal*, Lisboa, Junta de Investigação Científica e Tropical, 1989.
- CADBURY, William, *Labour in Portuguese West Africa*, London, 1910.
- CAPELA, José, "Dos cativos tradicionais para o escravismo colonial em Moçambique", in *Escravidão e Transformações Culturais: África-Brasil-Caraíbas*, Lisboa, Editora Vulgata, 2002, pp. 233-245.
- CAPELA, José, *Escravidão - A Empresa de Saque, o Abolicionismo (1810-1875)*, Porto, Afrontamento, 1979.
- CAPELA, José e MEDEIROS, Eduardo, *O Tráfico de Escravos de Moçambique para as Ilhas do Índico (1720-1902)*, Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 1987.
- CAPELA, José, *O Tráfico de Escravos nos Portos de Moçambique*, Porto, Afrontamento, 2002.
- CARREIRA, António, *Panaria caboverdiano-guineense. Aspectos históricos e socio-económicos*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1968.
- CARREIRA, António, *Cabo Verde. Formação e extinção de uma sociedade escravocrata (1460-1878)*, Praia, Instituto Caboverdeano do Livro, 1983 (2ª ed.).
- CARREIRA, António, *Notas sobre o Tráfico Português de Escravos*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1983 (2ª ed.).
- COOPER, Frederick, *Plantation Slavery on the East coast of Africa*, New Haven and London, Yale University, 1977.
- DUFFY, James, *A question of Slavery*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1967.
- FINNEGAN, Ruth, *Oral Traditions and Verbal Arts: A Guide to Research Methods*, London/New York, ASA Association of Social Anthropologists/Routledge, 2008.
- HENRIQUES, Isabel Castro, *Commerce et changement en Angola au XIXe siècle*, Paris, L'Harmattan, 1995, 2 volumes.
- HENRIQUES, Isabel Castro, *São Tomé e Príncipe. A Invenção de uma Sociedade*, Lisboa, VEGA, 2000.
- HENRIQUES, Isabel Castro, *Território e Identidade - a construção da Angola colonial (1872-1926)*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2004.
- HENRIQUES, Isabel Castro, *Os Pilares da Diferença. Relações Portugal-África - séculos XV-XX*, Lisboa, Caleidoscópio Editora, 2004.
- ISAACMAN, Allen, *Mozambique: the Africanization of a European Institution - the Zambezi Prazos, 1750-1902*, Madison, University of Wisconsin Press, 1982.
- LOPES, Edmundo Correia, *A Escravidão (Subsídios para a sua história)*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1944.
- MARGARIDO, Alfredo, "A participação dos Africanos - escravos ou livres - na mudança cultural em Portugal e no Brasil" in *Escravidão e Transformações Culturais: África-Brasil-Caraíbas*, Lisboa, Editora Vulgata, 2002, pp. 29-50.
- M'BOKOLO, Elikia, *África Negra: História e Civilizações*, Tomo I - Até ao século XVIII, Lisboa, Editora Vulgata, 2003.
- M'BOKOLO, Elikia, *África Negra: História e Civilizações*, Tomo II - do século XIX aos nossos dias, Lisboa, Editora Colibri, 2007.
- MEDEIROS, Eduardo, *As Etapas da Escravidão no norte de Moçambique*, Maputo, Arquivo Histórico de Moçambique, 1988.
- MEDEIROS, Eduardo, "A Escravidão no Norte de Moçambique: formação dos novos espaços e entidades políticas na segunda metade do século XVIII e durante o século XIX", in: *Escravidão e Transformações Culturais: África-Brasil-Caraíbas*, Lisboa, Editora Vulgata, 2002.
- MEDINA, João e HENRIQUES, Isabel Castro, *A Rota dos Escravos. Angola e a Rede do Comércio Negro*, Lisboa, CEGIA (FLAD), 1996.
- MILLER, Joseph Calder, *Way of Death: Merchant Capitalism and the Angolan Slave Trade 1730-1830*, London, James Currey, 1988.
- NEGREIROS, Almada, *La main-d'oeuvre en Afrique*, Paris, 1900.
- NEVES, Carlos Agostinho das, *S. Tomé e Príncipe na segunda metade do século XVIII*, Lisboa, Instituto de História de Além-Mar (Universidade Nova de Lisboa), 1989.
- PEREIRA, Daniel, *Estudos da História de Cabo Verde*, Praia, Alfa-Comunicações, 2005, 2ª Edição.
- PORTO, Nuno, *Modos de Objectivação da Dominação Colonial: o Caso do museu do Dundo, (1940-1970)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2009.
- SANTOS, Maria Emília Madeira [dir.], *História Geral de Cabo Verde*, 3 volumes, 1991, 1995 e 2002 Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical.
- SERAFIM, Cristina Maria Seuanes, *As Ilhas de São Tomé no século XVII*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2000.
- SILVA, Alberto da Costa e, *A Manilha e o Libambo. A África e a escravidão de 1500 a 1700*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005.
- TENREIRO, Francisco, *A Ilha de S. Tomé*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1961.
- ZAMPONI, Mario, *A ilha de Moçambique: convergência de povos e culturas*, Bolonha/ Lisboa, Edição Africhi e Orienti, 1999.
- ZIMBA, Benina, ALPERS, Edward, ISAACMAN, Allen, *Slaves Routes and Oral Tradition in Southern Africa*, Maputo, Filsom Entertainment, 2005.

Índice/Index

Introdução <i>Introduction</i>	1
Países Africanos de Língua Portuguesa.....	1
<i>Portuguese- Speaking African Countries</i>	
Angola	3
<i>Angola</i>	
Angola.....	3
Vale do Kwanza e Litoral Angolano.....	6
<i>Kwanza Valley and the Angolan Coastline</i>	
Luanda: Igrejas e Fortalezas.....	9
<i>Luanda: Churches and Fortress</i>	
Luanda: Centro Histórico Escravagista.....	11
<i>Luanda: Slave Trade Historical Centre</i>	
Cabo Verde	13
<i>Cape Verde</i>	
Arquipélago de Cabo Verde.....	13
<i>Cape Verde Archipelago</i>	
Ilha de Santiago.....	17
<i>Santiago Island</i>	
Guiné-Bissau	19
<i>Guinea-Bissau</i>	
Guiné-Bissau.....	19
<i>Guinea-Bissau</i>	
Moçambique	25
<i>Mozambique</i>	
Moçambique.....	25
<i>Mozambique</i>	
Norte de Moçambique.....	29
<i>Northern of Mozambique</i>	
Prazos do Vale do Zambeze	31
<i>Zambezi Valley Plantations</i>	
Ilha de Moçambique.....	32
<i>Mozambique Island</i>	
São Tomé e Príncipe	35
<i>São Tomé and Príncipe</i>	
Arquipélado de São Tomé e Príncipe.....	35
<i>São Tomé and Príncipe Archipelago</i>	
Engenhos de São Tomé no século XVI.....	37
<i>Sugar Mills in São Tomé in the 16th century</i>	
Cidade de São Tomé - Baía Ana de Chaves.....	43
<i>The São Tomé - Ana de Chaves Bay</i>	
Créditos Fotográficos	45
<i>Pictures Credits</i>	
Bibliografia	46
<i>References</i>	

Ficha Técnica/ Publication

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto PEST-OE/AFR/UI0220/2011

1ª Edição (2001) - 1st Edition

Coordenação - **Coordination**

Isabel Castro Henriques
Isabel Medeiros

Concepção, texto e organização gráfica – **Conception, text and organisation**

Isabel Castro Henriques

Tradução para Francês – **French Translation**

Alfredo Margarido

Investigação - **Research**

Alda Costa

António Correia e Silva

Cândido Teixeira

Carlos Cardoso

Carlos Neves

Elisa Lopes da Costa

Luísa d'Almeida

Pesquisa Iconográfica - **Iconographic Research**

Isabel Castro Henriques

Apoios – **Sponsors**

Projecto UNESCO "A Rota do Escravo"

"The Slave Route" UNESCO Project

Edição - **Edition**

Comité Português do Projecto UNESCO "A Rota do Escravo"

Portuguese Committee for the UNESCO "The Slave Route" Project

ISBN

2ª Edição (2013) – 2nd Edition

Coordenação, reorganização e revisão – **Coordination, re-organization and revision**

Isabel Castro Henriques

Tradução para inglês – **English Translation**

Vicky Hartnack

Colaboração - **Collaboration**

Cátia Fernandes

Pedro Pereira Leite

Edição – **Edition**

Comité Português do Projecto UNESCO "A Rota do Escravo"

Portuguese Committee for the UNESCO "The Slave Route" Project

Apoios - **Sponsors**

FCT e CEsA-ISEG

Imagem da capa: Gravura anónima do século XIX.

Cover image: 19th century engraving anonymous

A longa duração do fenómeno da escravatura, de uma extrema violência, se põe em evidência a crueldade dos homens, deu origem a diversos lugares de memória: monumentos, topónimos, etnónimos, contos, lendas, mitos. A memória colectiva recicla constantemente esse tecido fundador.

O objectivo deste Guia, consagrado ao reconhecimento dos lugares de memória dos países de África que falam a língua portuguesa, é o de identificar, de inventariar, de cartografar, de dar a conhecer diferentes tipos de lugares de memória: os que podem ser vistos e tocados, sem esquecer aqueles que graças à tradição oral reactualizam o processo criador.

Throughout the lengthy duration of this extremely violent slavery phenomenon where man's cruelty is made evident, it gave rise to places of memory: monuments, toponyms, ethnonymns, stories, legends and myths. Collective memory has constantly recycled this basic fabric.

The aim of this Catalogue, dedicated to acknowledging the memory of places in the Portuguese-speaking African countries, is to identify, list, map and give information about the different sites of memory: those that can be seen and touched, without however forgetting those which have re-enacted the creative process thanks to oral tradition.

